

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

№ IX - JANEIRO/2022



KUAN
2021

SUMÁRIO



03	APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
06	ILUSTRES ILUSTRADORES;
09	PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
10	<u>ARTIGO 1</u> : QUEM É PÓRR?
12	<u>ARTIGO 02</u> : DECIFRA-ME OU DEVORO-TE
17	<u>ARTIGO 03</u> : A MULHER E O FOGO
22	<u>ARTIGO 04</u> : BOUDICA, A RAINHA GUERREIRA
35	<u>ARTIGO 05</u> : HISTÓRIAS QUE O POVO CONTA
47	BIBLIOTECA DE THOTH;
50	VITROLA DE ORFEU;
62	HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;
64	ARQUIVOS DE LOKI;
71	A NONA ÁRVORE;
83	ACADEMIA DE QUÍRON;
86	PANTEÃO DE COLABORADORES;
93	AGRADECIMENTOS.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Depois de um ano de edições recheadas de mitologia e amor, estamos aqui, na nossa 9ª edição, comemorando um ano da Revista Eletrônica Mitologia Aberta!

Nesta edição temos novamente uma capa incrível feita por um talentoso ilustrador nacional, além de mais uma participação internacional de uma grande artista de Chicago!

Também nesta edição, teremos um artigo que fala da divindade da capa, escrito por um colaborador de longa data para contar quem é Thor!

Precisamos também agradecer a todas as pessoas que já estiveram no nosso panteão de colaboradores, e que já passaram pela nossa revista neste um ano de edições com artigos, resenhas, mostrando seu trabalho, ilustrando, encantando e contando histórias.

Na Biblioteca de Thoth, temos desta vez duas dicas incríveis de mitologia; A Vitrola de Orfeu traz duas bandas nacionais maravilhosas, com diversas temáticas. Nos Arquivos de Loki trouxemos uma resenha de uma HQ baseada na mitologia eslava; Já a Nona Árvore apresenta um galho recheado da mitologia mundial, mas com um toque bem brasileiro; Vamos ouvir também mais Histórias da Vó Tiana; Já na Academia de Quíron, outros cursos interessantes surgem!

Aproveitamos para lembrar aos nossos amados leitores: Vocês já devem conhecer nosso canal no Youtube, mas caso ainda não conheçam, acompanhem nossa página! Lá tem a programação das lives, sempre animadas, que teremos!

Agora vamos abrir os braços para mais um ciclo que inicia!

Larissa Dias



Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

GUIA DE SEÇÕES

ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias. Aqui, estarão essas histórias, que fazem parte da mitologia familiar brasileira!

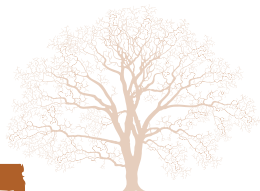
GUIA DE SEÇÕES

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

A NONA ÁRVORE



A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas sessões!

ILUSTRES ILUSTRADORES

“ Gostaria de iniciar agradecendo a Deus, aos amigos espirituais, família, amigos, mestres e a todos pelo suporte e carinho.

Geralmente é difícil lembrar de muitas coisas da nossa fase de infância, mas lembro-me do primeiro dia de pré-escolar, tinha 5 anos de idade. Eu chorava, gritava, esperneava, parecia que estava possuído (risos). Não queria ir de jeito nenhum, nem minha merendeira dos Changeman acalmava a minha pobre alma. Nervoso, eu até mordi o braço da professora. O Homem Aranha foi picado por uma aranha radioativa e ganhou superpoderes. Inês, minha antiga professora, foi mordida por mim, mas não desenvolveu nenhum superpoder... Então, ela me deu algumas folhas, giz de cera e lápis de colorir. Fiquei no fundo da sala desenhando, bem tranquilo até a hora de ir embora. Uma terapia. Eu considero essa passagem como meu primeiro contato com o desenho. Obrigado, Inês!

Depois disso eu sempre estava desenhando, seja no papel, paredes, livros, caderno...Desenhava muitos personagens de seriados japoneses como Jaspion, Jiraya, Changeman, entre outros. Teve a fase de Cavalei-



Ronan Vieira

Instagram: @ronan.vieira31



"Thor contra Jörmungandr",
Arte que ilustra a capa desta
edição

ILUSTRES ILUSTRADORES



ros do Zodíaco, único anime que assisti em minha vida, mas só gostava de desenhar o Shiryu (risos).

Ainda pequeno meu avô me deu uma HQ (revistinha em quadrinhos) do Homem Aranha (A Teia do Aranha, n#26 – 1991) e virou meu personagem favorito. Desde então meu amor pelo estilo Comics (quadrinhos americano de super heróis) só cresceu. É hoje meu estilo favorito, o que mais tenho praticado. Ganhei também de meu avô uma fantasia do Homem Aranha e usava ela o tempo todo por debaixo da roupa normal, só tirava para tomar banho. Escola, igreja, dormir, lá estava eu com o uniforme do Aranha. Nunca se sabe a hora que o vilão vai atacar, mas eu estava preparado (risos).

A arte não ficou presente em minha vida toda. Teve um período que abri mão dela pelos estudos. Fiz curso técnico, formei em engenharia, trabalhei como projetista, foram vários anos sem desenhar. No final de 2017 tudo mudou e em 2018 eu fiz meu primeiro curso de desenho em BH na Casa dos Quadrinhos. De lá prá cá venho dedicando e investindo minha vida no desenho: aulas e dicas no youtube, estudando livros, suporte de

vários mestres, cursos e cada vez mais minha sede por conhecimento só aumenta.

Dedico essa ilustração ao meu afilhado, menino César e a todos que me apoiaram! Gratidão! Obrigado a Revista Eletrônica Mitologia Aberta pela oportunidade!! Que THOR proteja todos vocês!!”

SITES E PÁGINAS DO ARTISTA

Site:

<https://www.deviantart.com/ronan31>

Instagram: @ronan.vieira31/

Facebook: ronan.vieira.54/

<https://linktr.ee/ronan.vieira>

E-mail: ronan_vo@hotmail.com

***NOTA DA EDITORA:

Ronan presenteou a revista Mitologia Aberta com esta belíssima ilustração do Thor, que ele coloriu especialmente para a capa desta edição! Confiram o trabalho deste artista incrível, pois diversas ilustrações dele são realmente mágicas!

ILUSTRES ILUSTRADORES



Laina Joy tem mais de 15 anos de experiência artística, apresentando artes da última década em galerias e eventos.

Ela começou sua jornada artística em Michigan e se mudou para Chicago há 5 anos para expandir seu alcance criativo.

Desde então, sua arte tem sido apresentada em empresas, galerias e eventos. Sua arte é inspirada por pessoas de sua vida, cultura pop e uma admiração pelo abstrato / surreal.

Laina usa cores vivas e linhas ousadas para chamar a atenção para o assunto. Recentemente, ela exibiu seu trabalho artístico em galerias em Chicago (Illinois), Manhattan (NYC) e Houston (Texas) este ano.

Para ver mais de sua coleção, visite seu Instagram:

[@laina_joy_gallery_chicago](#).



Laina Joy
Instagram:

[@laina_joy_gallery_chicago](#).



"Girl on Fire",
Arte que ilustra o terceiro artigo
"O Fogo e a Mulher", desta edição.

PRÓLOGO DOS ARTIGOS



A revista Mitologia Aberta está na sua nona edição. O número nove simboliza os ciclos do início ao fim, as deusas tríplices (3x3) e a completude. E é assim que iniciamos nosso 2022: completos de mitologia!

O primeiro artigo abordará o tema de capa trazendo para os leitores quem é Thor. Este artigo foi escrito por um querido colaborador da nossa revista!

O segundo artigo abordará o mito da Esfinge (lembra-se que ela é da família da Sereia e da Quimera?) de uma forma bem intrigante!

No terceiro artigo teremos uma fantástica abordagem das deusas do fogo, em uma sequência que a autora tem nos presenteado de divindades femininas relacionadas aos quatro elementos.

O quarto artigo trará a personagem da rainha Boudica em uma interessantíssima mescla com uma música de mitologia celta de uma banda já velha conhecida da nossa revista!

Já o quinto artigo traz um bonito olhar sobre as histórias, a mitologia e o nosso ciclo de vida e existência, mostrando de forma bela a mágica como a mitologia pode agir em nossas vidas.

Agora que já deixamos os leitores curiosos, é só apreciarem os artigos pois todos foram feitos com muito carinho para os leitores especiais desta revista que é repleta de conhecimento vindo de outras eras!

Boa leitura!
Larissa Dias

QUEM É ÞÓRR?

E POR QUE ELE É DIFERENTE DAQUILO É CONCEBIDO HOJE COMO THOR?

POR ALLAN MARANTE

Þórr é o mais poderoso entre os Poderes Æsir, portador do Mjöllnir (Esmagador) e o incansável combatente que luta contra as forças da ignorância e da ganância, os jötnar e os þursar. Ao contrário dos conceitos populares, ele e Loki não tem uma relação sempre amistosa, como é descrito no poema Lokasenna (Insultos de Loki):

*"Þegi þú, rög vættr,
þér skal minn þrúðhamarr,
Mjöllnir, mál fyrnema;
upp ek þér verp
ok á austrvega,
síðan þik manngi sér."*

*"Cale-se, rög vættr (espírito maligno),
meu þrúðhamarr (poderoso martelo),
Mjöllnir, cessará tuas palavras;
Eu vou atirá-lo
na entrada leste
e ninguém o verá novamente"*

(Lokasenna, os Insultos de Loki. Traduções do nórdico antigo por Allan Marante).

Isto ocorre após Loki insultar os Æsir (Poderes Incitadores) e as Ásynjur (Donzelas Divinas). A punição dele é ser amarrado e torturado com o veneno de uma serpente, após fugir do local com medo de ser morto por Þórr, o Haussprengi Hrungrnis (Destruidor do crânio de Hrungrnir).

Þórr é um nome masculino, na língua nórdica antiga. Derivado do nome próprio *Þunraz, na língua protogermânica, e do substantivo masculino de mesma grafia, que significa "trovão".

Na língua nórdica antiga, encontramos o verbo þruma; þrymja "trovejar", que tem relação com o nome de Þórr.

O substantivo feminino þórduna "barulho do trovão", utilizado na língua islandesa, contém o prefixo do

nome deste poder divino. Na língua sueca, o substantivo neutro tordön “barulho de Þórr”, é derivado de þórduna, e por sua vez, do substantivo þordyn, no sueco antigo. Todos com o mesmo significado.

Nas línguas escandinavas modernas, a palavra trovão compartilha da raiz etimológica que forma o nome de Þórr, como podemos observar no sueco tor, no dinamarquês torden, no faroense tora, ou no norueguês tôr.

Na língua sânscrita temos atestado o verbo स्तनति(stánati) “ressoar; reverberar; trovejar; rugir”, derivado da língua indo-europeia.

O conceito de separar o raio do trovão é atestado no inglês antigo, com a expressão þunor and līegetu “thunder and lightning; trovão e raio”.

O trovão, por sua vez, é definido como um ruído intenso que acompanha uma descarga elétrica (entre nuvens ou entre a nuvem e solo), cuja manifestação luminosa é o raio. Derivado do latim turbonem. Notem como o prefixo do termo trovão, na língua latina, tem a mesma raiz do nome de Þórr.

Com isso podemos entender que Þórr não é uma manifestação do trovão, como alguns pensam ser, ao fazerem uso da mitologia comparada,

mas aquele que faz trovejar. Um poderoso combatente, que, ao contrário das histórias em quadrinhos, não é bobo ou estúpido, e sim a representação do heroísmo, da honra, da prudência, da simplicidade e da coragem. O trovão é o seu instrumento, e não a sua manifestação.

Não é à toa que o Mjöllnir (Esmagador) é o símbolo principal do Forn Siðr, mas a razão deste símbolo ser tão importante, e o seu significado, ficarão para um próximo encontro.

Nú skín sól í sali!

Agora Sól brilha no salão!

DECIFRA-ME OU DEVORO-TE

POR ADRIANA GONÇALVES DE FREITAS

(Texto de referência à live homônima, realizada no grupo do Facebook “Café Filosófico” em junho de 2021, e que sofreu alterações para compor o presente artigo)

“Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome” (Clarice Lispector)

Quando pensamos sobre temas como Determinismo e Liberdade nos lançamos a uma infinidade de caminhos. Apresentaremos aqui dois deles, a Mitologia e a Filosofia, e notaremos que há esquinas onde esses caminhos, quase sempre vistos como opostos, se cruzam. Começemos por pensar o que é o Determinismo:

As Moíras são três irmãs, filhas de Zeus e Têmis. Cloto, cujo nome significa “a que fia”, tece os fios da vida de cada mortal. Láquesis, a sorteadora, tem como tarefa medir o

comprimento de cada fio. Átropos, a inflexível, aquela que não volta atrás, tem a função de cortar o fio quando é hora do indivíduo morrer. A Palavra Moíra significa Destino. No panteão grego elas são divindades menores, mas muito temidas!

O Determinismo é a crença que toda a vida humana está totalmente traçada desde o nascimento do indivíduo até sua morte. Todos os passos e ações foram pré-determinados por uma força que independe da vontade do ser. Aqui ele está expresso na figura mitológica das Moíras e sua tapeçaria do destino humano. O que as Moíras traçaram ninguém pode alterar, nem os homens nem os deuses. Há uma série de mitos que apresentam a ação dessas tecelãs do destino, como, por exemplo, o de Édipo Rei:

Mito de Édipo

Laio era o rei de Tebas. Ele era casado com Jocasta, a mais bela mulher da região. O soberano de Tebas, tendo consultado certa vez o Oráculo de Delfos, pertencente ao deus Apolo, recebeu a profecia que ele não deveria ter filhos, pois o menino o mataria. Certa vez, Laio e Jocasta deram um grande banquete e consumiu-se muito vinho. O rei, ao término da festa, embriagado tanto pela bebida, quanto pela beleza de sua esposa, uniu-se a ela. Nove meses depois a rainha deu à luz um menino. Laio deu ordens para que um servo levasse o recém-nascido para longe e o matasse. À sua esposa ele declarou que o bebê nascera morto.

O servo não teve coragem de matar a criança e a entregou a um pastor que passava pelo local, a caminho para Corinto. Os reis de Corinto não tinham filhos e adotaram o menino, dando-lhe o nome de Édipo. O menino cresceu sem saber nada sobre a sua origem. Um dia, já rapaz feito, Édipo foi consultar o Oráculo de Delfos, e recebeu a profecia de que ele estava destinado a matar o pai e casar-se com a própria mãe. Horrorizado com a profecia, Édipo foge.

De volta a Tebas, a cidade passa por um período muito difícil. Eis que uma terrível esfinge, criatura híbrida com pernas de leão, asas de pássaro e rosto de mulher, aterroriza quem tenta entrar na cidade.

Quando alguém se aproxima, a esfinge propõe um enigma precedido da sentença: *Decifra-me ou te devoro!* Quando a pessoa não desvenda a charada é devorada pelo monstro. O rei Laio viaja novamente para Delfos, procurando alguma solução. No caminho chega a uma estrada estreita onde ocorre um problema com sua carruagem, ao mesmo tempo em que Édipo está passando por ali. O rei não aceita dar passagem ao jovem e os dois terminam por se enfrentar em uma luta da qual Laio sai perdedor. Assim, mesmo sem saber, Édipo havia cumprido parte da profecia, matara o pai. Apavorado com o acontecimento, ele foge dali. Em Tebas chega apenas a notícia que o rei estava morto. O irmão de Jocasta, Creonte, assume o trono interinamente e proclama que aquele que conseguir vencer a esfinge se tornará o novo governante de Tebas.

A notícia se espalha rapidamente. Édipo ouve falar sobre o monstro e da proclamação real e dirige-se para

lá, certo de que não tem nada a perder, pois, além do terrível fardo que carrega, agora também é atormentado pela culpa da morte de um homem. Ao chegar à entrada da cidade, avista a esfinge que lhe diz: *Decifra-me ou te devoro*. Em seguida lhe propõe o enigma: *Qual é o animal que de manhã caminha em quatro patas, de tarde em duas e à noite com três?*

Édipo pensa e responde rapidamente: Esse animal é o homem. Na manhã de sua vida, a infância, ele engatinha, portanto, quatro patas. Na tarde de sua vida, quando já é homem feito, caminha ereto, duas patas. Na noite de sua existência, a velhice, precisa apoiar-se em uma bengala, três patas. Assim Édipo venceu a esfinge e foi proclamado rei de Tebas. Em consequência, desposou Jocasta. Estava cumprida a segunda parte da profecia, ainda que Édipo não soubesse que se casara com a própria mãe.

Durante algum tempo tudo correu muito bem. Édipo e Jocasta viveram muito bem e governaram Tebas tranquilamente. Mas eis que uma peste terrível começa a assolar a região, matando as pessoas e os animais. Preocupado, o rei Édipo envia Creon-

te, seu cunhado e agora conselheiro, para Delfos. Creonte fica sabendo que Édipo cometeu crimes imperdoáveis, que era um parricida e, além disso, cometera incesto. No caminho Creonte encontra-se com o pastor que levara Édipo para Corinto. Ele procura o jovem rei de Tebas para dar-lhe a notícia da morte de seu pai adotivo e termina por revelar que Édipo não era filho de sangue do rei da outra cidade-estado. Nesse momento Creonte compreende o que está acontecendo. Ao chegar a Tebas revela ao cunhado e à irmã toda a dolorosa verdade. Jocasta não aguenta saber que se casou com o filho que pensara morto há tanto tempo e se enforca na janela de seu próprio quarto. Édipo, ao ver todo esse horror, fura os próprios olhos. (Adaptado de BRANDÃO, Vol. III, 2013, p. 243-300).

Vimos na história que por mais que os personagens tentem fugir do próprio destino sempre vão ao encontro dele. Em oposição a essa ideia, a filosofia nos apresenta o conceito de liberdade, que significa o direito de escolha dos seres humanos. Temos autonomia e o entendimento de que somos livres para escolher, mas somos os responsáveis

por essas escolhas também. No entanto, a própria filosofia não chega a um consenso sobre o que definitivamente vem a ser liberdade. Os filósofos racionalistas, ou seja, aqueles que acreditam que a única e verdadeira forma de aprendermos algo é por meio de nossa abstração e uso de nossa razão plena, com o mínimo de interferência de nossos sentidos, traçam a teoria de que não podemos ser plenamente livres, pois seríamos determinados por nosso próprio corpo, uma casca que contém, guarda, mas aprisiona a nossa mente. Há limites para nossa liberdade, impostos por nossa condição de sermos viventes nesse mundo e possuímos um corpo que tem necessidades mundanas.

Sempre bom lembrar que liberdade, em sentido ético, não é fazer tudo o que se quer, mas compreender as escolhas que fazemos e assumirmos nossa responsabilidade por elas. Justamente por isso a liberdade está dentro dos temas de ética, pois não haverá convivência ética sem a convivência moral. Aí entra o entendimento de que a liberdade deve ser compreendida como um princípio ético individual, pois é uma questão de escolha, e, ao mesmo tempo, co-

letivo, pois minhas escolhas sempre afetam também a quem está ao meu redor.

Para Jean-Paul Sartre, filósofo francês existencialista (1905 – 1980), liberdade significa literalmente o direito de escolha. Para o filósofo o ser humano é livre: “Estamos condenados a ser livres”, pois sempre estamos escolhendo nossos caminhos. Em nossa vida tudo é escolha e nada pode nos determinar ou limitar, a não ser a existência do outro, que, na verdade, é um aprendizado e uma responsabilidade em nossas vidas. Aprendizado porque aprendemos com as atitudes alheias, e responsabilidade porque o que fazemos reflete na vida de outros seres humanos, na sociedade em geral, e vice-versa, o que os outros fazem reflete-se em nossa vida também!

Já para Michel de Foucault (1926 – 1984), que além de filósofo foi historiador, na história da filosofia encontramos os conceitos de Cuidado e Conhecimento de Si, sem os quais não existe a verdadeira liberdade. Só com o autoconhecimento será possível ser verdadeiramente livre.

O importante seria encontrar o equilíbrio entre esses princípios, pois, parafraseando o sábio Aristóteles “A

virtude está no meio”. Nem atribuir nossas escolhas, ações e até pensamentos a ações do Destino, ou nunca tomaremos as rédeas de nossa própria existência, nem vivendo como se fôssemos os únicos e mais importantes seres da terra. Pois, tanto a falta de liberdade e de escolha, como seu excesso, podem nos devorar. É preciso ir decifrando os enigmas que a vida nos impõe, aos poucos e com reflexão.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. Vol 1. 25 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- _____. Mitologia grega. Vol 3. 25 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. Curso dado no Collège de France (1981 – 1982). 3 ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2018.
- JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 5 ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Rio de Janeiro. Vozes, 2013.



A MULHER E O FOGO

POR GABRIELA SABINA

*"E disse Deus: Haja luz; e houve luz."
Gênesis 1:3*

A comparação entre textos mitológicos de diferentes sociedades é algo que sempre esteve em pauta entre especialistas e estudiosos no âmbito do conhecimento de mitos.

A luz que iluminou as trevas e fez poder surgir a vida, traz o poder do fogo, que assim como os demais elementos (ar, água e terra), é essencial à nossa existência.

Cientificamente, podemos comparar essa passagem bíblica ao Big Bang, que espalhou pelo universo sóis, que iluminam e reúnem astros ao seu redor.

Esse mesmo fogo que está nos céus, está também dentro de cada um de nós. Podemos chamá-lo de centelha Divina! Aquela energia que nos move, que acende nosso desejo e nossas paixões, que nos impulsiona, que nos traz o poder criativo e de nossa transmutação, do dia que nascemos



"Girl on Fire", Arte de Laina Joy

até a nossa morte, quando a centelha de vida se extingue.

Como tudo nesta vida, e seguindo a lei do Tao, o fogo também apresenta

seus aspectos positivos e negativos, de criação e destruição. O fogo aparece em todas as mitologias de diversas formas e com várias qualidades:

O fogo pode ser indomável, como o caráter de Lilith (impulsos sexuais/ paixões), Kali, Durga, Macha e Morrigan (deusas guerreiras que se inebriam com o calor das batalhas), ou controlado, como nas forjas de Brighid ou nas lareiras de Héstita.

Fato é que dependemos do fogo para quase tudo: para nos aquecer, para nos alimentar (seja no preparo dos alimentos, seja na agricultura), para transformar metais em instrumentos, para transmutar a água em vapor e os corpos em cinzas.

“Do atrito de duas pedras chispam faíscas; das faíscas vem o fogo; do fogo brota a luz.” Vitor Hugo.

Em Dicionário dos Símbolos (Chevalier e Gheerbrant, 1982), há uma citação interessante em que se compara o roçar de duas pedras, que deu origem ao fogo, com o atrito e o movimento do ato sexual. E temos sempre que lembrar que toda nossa evolução tecnológica começou com a descoberta do fogo.

Como mencionei antes, o fogo está presente na criação do mundo e da vida, na manutenção e nos encerramentos dela – era e é muito comum

em várias culturas a cremação dos corpos, a fim de fazer retornar o corpo aos deuses.

E vamos e convenhamos, o fogo tem um grande poder hipnótico, e dificilmente encontraremos algum ritual que não o envolva: fogueiras, velas, piras e até mesmo fogos de artifício, que no início eram usados para mandar mensagens dos homens aos Deuses (o que seria do nosso Ano-Novo sem eles?).

Arquetipicamente falando, o fogo é um elemento mais ligado ao masculino, com suas características de ação, expansão e transformação. Mas temos importantes representantes mitológicas femininas ligadas ao Fogo, e é delas que falaremos neste artigo.

O SOL

O astro-rei! Ele nos fornece o calor necessário para viver, ajuda as plantas a fornecer alimentos para nós, guia-nos de dia e reflete sua luz em outros astros para nos guiar na escuridão da noite, marca a passagem do tempo e as estações do ano.

Mas ele também tem um lado destruidor. Ele pode cegar, desorientar, secar a terra, desertificar, destruir.

Esses dois aspectos foram muito

bem representados pela mitologia egípcia, nas figuras de Bast e Sekhmet – os dois olhos do Sol (Rá).

Sekhmet é representada por uma deusa com cabeça de leoa, é o sol do meio-dia que destrói tudo o que toca. Ela foi chamada por seu pai para se vingar dos humanos que queriam destroná-lo. Entretanto, ao ver o massacre que ela estava causando – ela gostou do sabor do sangue derramado –, ele a enganou com uma mistura de cerveja e a fez dormir para acalmá-la, transformando-a no aspecto de Bast – mais tarde identificada com o gato doméstico – e que representa o poder fertilizador do sol (Faur, 2015).

Essas duas figuras bem podem representar de maneira excelente o arquétipo da Mulher, especialmente a contemporânea, mãe zelosa, carinhosa e aquela que parte para a briga para conquistar o que merece, com assertividade e independência.

VULCÕES

Considerados como fogos Ctônicos, do interior da terra, do submundo, os vulcões têm seu maior representante em Hefesto/ Vulcano. Mas há também duas importantes deusas com similaridades e diferenças que os representam. No Havaí, temos Pele, no Ki-

lauea, que apresenta aspectos ambíguos, como a fertilidade, ao criar novas ilhas com suas erupções, e o destrutivo, ao derramar lava sobre florestas e plantações, em seus rompan-tes de desafeto e paixões supostamente não-correspondidas.

No Japão, temos a deusa Fuji, ligada ao vulcão de mesmo nome, que rege o “calor solar, das fogueiras e lareiras, que confere força física, resistência, determinação, calor humano e visão aguçada” (Faur, 2015), àqueles que tentam escalar o Monte Fuji.

LAREIRA

Os antigos acreditavam que nenhuma casa se tornava um Lar enquanto não recebesse em seu interior o fogo sagrado vindo do lar anterior, normalmente do lar da senhora responsável pela nova casa. Esse fogo, que marcava o coração do lar, o centro afetivo da nova família que se formava, era dedicado a Héstia (grega)/Vesta (romana). Era ao redor desse fogo, que deveria permanecer eternamente aceso, que a família se reunia para preparar e realizar as refeições, conversar, trocar afetos e ideias, e planejar o futuro da família.

Poderia, hoje, ser comparado à nossa cozinha, ou nossa churrasqueira, on-

de as pessoas queridas confraternizam e conversam, com a diferença que, nos tempos antigos, cabia somente à esposa/matriarca, o poder de decisão sobre quem, para além da família, podia ou não entrar no recinto.

Era um lugar reservado ao resguardo, à privacidade do lar e do interior de cada habitante. Hoje essa ideia, já perdida há tempos, tem ficado cada vez mais esquecida, com o advento dos reality shows (Salis, 2003) e das redes sociais, onde o que vale é se expor e alimentar uma curiosidade mórbida sobre a vida alheia, em busca de se preencher um vazio pessoal cada vez maior.

O fogo de Héstia também era mantido no coração de cada cidade, na Ágora, e guardado por sacerdotisas, especialmente escolhidas para tal função. Cada sacerdotisa deveria “ter grande sabedoria, pois era consultada por todos sobre suas dúvidas e angústias interiores. ..., que era a guardiã dos costumes, dos valores e a sabedoria da cidade.” (Salis, 2003). No advento de uma nova cidade vizinha, o fogo da cidade mais antiga era transportado em tocha para a nova pira. Esse ritual ainda é encenado a cada edição dos jogos olímpicos.

Temos uma deusa com funções e aspectos similares aos de Héstia na mitologia celta, Brighid, a guardiã do fogo da beleza e das artes. Ela é protetora dos ferreiros, mesmo não tendo sido esse o seu ofício. O fogo das forjas era utilizado para diversos fins, entre eles o de criar joias e ornamentos de grande beleza e delicadeza, instrumentos utilizados na agricultura, na caça e na criação de armas de guerra. O que nos mostra um outro aspecto importante do fogo: o poder de transmutação. Ela guarda o fogo da inspiração, especialmente dos poetas. O que nos leva a outro fogo:

PAIXÃO

O fogo da paixão: é aquele dentro de cada um de nós, que quando se inflama, nos move em direção à ação. A paixão, neste caso, não quer dizer somente a paixão por alguém, mas por alguma coisa. É a tal força vital, representada por Ananta, fogo criador e da força feminina, mais tarde conhecida como Kundalini, representada por uma grande serpente de fogo, que se enrola na linha dos chakras, começando pelo básico, e que quando despertada, sobe em espiral pela coluna vertebral até o chakra coronário, no topo da cabeça,

levando-nos à iluminação. (Faur, 2015)

COMUNICAÇÃO

O fogo também serve em muitos mitos e rituais como base de comunicação entre Deuses e Homens. Por exemplo, os raios, na maioria das vezes, pertencentes aos deuses, aparece com Oyá, que deu o poder do fogo e do raio a seu esposo Xangô. O movimento descendente do raio é visto como mensagem dos deuses para os habitantes da terra. E no caminho inverso, ou seja, mensagens dos humanos para os deuses, podemos ter o vapor e a fumaça, ambos resultantes do poder de combustão do fogo. Muitas culturas ainda hoje cremam seus mortos como sinal de entrega das suas almas para o mundo dos mortos e facilitador do processo de reencarnação.

“Lembra-te que és pó e ao pó voltarás” (Genesis 3:19)



REFERÊNCIAS

- BARTLETT, Sarah. A Bíblia da Mitologia. São Paulo: Pensamento, 2011.
- BERNARDO, Patrícia P. A prática da Arteterapia: correlação entre temas e recursos. Volume II. São Paulo: Artepinna editorial, 2013
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário dos Símbolos. Lisboa: Teorema, 2001
- FAUR, Mirella. O Anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a deusa. São Paulo: Alfabeto, 2015.
- JUNG, Carl Gustav. et al. O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008
- PRIETO, Claudiney. Todas as deusas do mundo: rituais wiccanos para celebrar a Deusa em suas diferentes faces. São Paulo: Ardane Books, 2015.
- SALIS, Viktor D. Mitologia Viva: Aprendendo com os deuses a arte de viver e amar. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

BOUDICA, A RAINHA GUERREIRA

POR FERNANDA NEPO

Introdução

O objetivo desse artigo é trazer aos seus leitores alguns dados que mostram o papel que a mulher representava na sociedade celta e, conseqüentemente, abordar um pouco da história da guerreira celta Boudica [1], que serviu de inspiração para a música “Warrior Queen”, da banda Tuatha de Danann, que traz em suas letras e em suas artes referências à cultura e mitologia celta; o que a figura dessa guerreira representa para luta feminista e o empoderamento feminino; assim como uma breve análise da letra da música, fazendo um comparativo de seu significado com a situação atual da mulher na sociedade na qual está inserida.

A mulher na sociedade celta

Antes de explorar a figura da Boudica, esse texto trará alguns aspectos do papel que a mulher exercia na sociedade celta, que era

bastante significativo. Ela não era somente símbolo de geração de vida, mas uma pessoa que tinha influência perante a sociedade e também papel relevante dentro das batalhas. Conforme Black nos explica, “nas sociedades matrilocais ou matrilineares [2], cabia ao homem a força bruta, a caça, a proteção do grupo, mas o foco central era a figura feminina, representando a geração da vida, a nutrição, o amor” (BLACK, 2014, p. 66), ou seja, a mulher era respeitada e ocupava uma posição elevada, e embora pudessem ser líderes, o mais comum era que os homens tivessem esse papel, mas isso não representava a desvalorização ou subjugação da mulher (BLACK, 2014).

No período que se deu até a romanização e a posterior cristianização das sociedades celtas, “até então, a mulher celta gozava de certa liberdade, possuía direitos, era respeitada e tinha seu lugar nas socie-

dades célticas” (BLACK, 2014, p. 71), diferente do que acontecia nas sociedades grega e romana, onde a mulher não tinha espaço na vida profissional, muito menos na política, as mulheres que pertenciam à aristocracia podiam desfrutar de certo respeito, mas na qualidade de mães e mulheres casadas, dando a elas certo status em comparação àquelas mulheres que pertenciam às camadas sociais mais baixas (BLACK, 2014).

Conforme Black (2014, p. 71) explica, “os autores clássicos e as sagas célticas denotam a existência não só de mulheres guerreiras, mas de profetisas, druidisas, bardas, médicas e satiristas”. Portanto, a mulher também era líder tribal e guerreira, exercia um papel muito relevante nas batalhas. Assim, Black (2014, p. 74) salienta: “a mulher celta não só participava das batalhas, mas também ocupava o cargo de chefe ou rainha tribal provavelmente com alguma frequência”.

Muitas mulheres exerceram esse papel e tornaram-se bastante conhecidas assim, como, por exemplo: Cartimandua, conhecida como a “rainha dos brigantes”; Onomaris; Medb, que também foi uma rainha guerreira; Chiomara, também conhecida por seus grandes feitos na guer-

ra, dentre outras mulheres. Sendo Boudica a que mais se destacou dentre elas. (BLACK, 2014).

O fato de as mulheres celtas participarem das guerras na qualidade de soldados e generais ficou conhecido principalmente [por intermédio] da história da rainha Boudicca. No entanto, era comum que as mulheres celtas participassem direta ou indiretamente das batalhas na Antiguidade (BLACK, 2014, p. 77).

No entanto, toda a liberdade e respeito dos quais a mulher celta gozava acabaram, em consequência da cristianização, e já em decadência, as sociedades celtas passaram a “ser dominadas exclusivamente pelos homens, em adoção ao sistema patriarcalista” (BLACK, 2014, p. 82). E, conseqüentemente, essas mudanças recaíram na forma como a mulher era tratada. Esta, que tinha posição relevante na sociedade, acabou sendo colocada de lado, sendo considerada inferior ao homem, que passou a ter poder para decidir sobre a vida dela e dos filhos, tornando-a submissa a ele, conforme Black (2014) pontua.

Boudica e o empoderamento feminino

Alguns “autores diziam em suas obras que Boudica tinha vivido no

primeiro século depois de Cristo, por volta dos anos 60 d.C. ou 61 d.C., durante a presença do Império Romano na ilha da Britannia” (BÉLO, 2014a, p. 43), *“onde hoje é a Inglaterra, mais especificamente na região chamada East Anglia, ao leste desse país”* (BÉLO, 2014b, p. 106). Ela pertencia à tribo dos iceni, uma das tribos mais conhecidas, que era governada pelo rei Prasutanag, que também era seu marido (BLACK, 2014). Os iceni pertenciam ao *“grupo dos bretões, o qual fazia parte da grande civilização europeia chamada celta, de que se tem conhecimento desde 500 a.C.”* (BÉLO, 2014a, p. 46).

Enquanto vivo, Prasutanag manteve bom relacionamento com os romanos e procurou manter seu povo afastado dos domínios desses, mantendo preser-vadas as terras da sua tribo e a garantia de sucessão de sua mulher e filhas (BLACK, 2014). Após sua morte, por consequência, Boudica tornou-se rainha de sua tribo, algo que não foi bem visto pelos romanos, pois, ao contrário dos celtas, eles não nutriam o mesmo respeito e senso de igualdade pela figura feminina, segundo Black (2014).

Como resultado, o Governador Geral da Britânia, Cato Deciano, dirigiu-se à Britânia para apoderar-se de toda a

herança e terra dos iceni, e *“em solo iceno, declarou que todas aquelas terras passavam a pertencer a Roma, ignorando o direito de Boudicca e das princesas ao trono”* (BLACK, 2014, p. 75). Ela negou-se a entregar o que possuíam, e, por consequência, *“sua negação diante desse fato levou suas filhas a serem violentadas e ela açoitada”* (BÉLO, 2014b, p. 106), *“deixando claro o desprezo que os romanos nutriam pelas mulheres”* (BLACK, 2014, p. 75).

Esses acontecimentos acabaram por despertar seu ódio e revolta. Assim que Cato Deciano deixou as terras dos icenos, Boudica passou a buscar por aliados em tribos vizinhas para investir contra os romanos, liderando esses guerreiros e obtendo sucesso. Conforme sua marcha ia avançando, conquistava cada vez mais aliados, destruindo diversas colônias romanas, conforme Black (2014) esclarece. *O que se sabe, pelas fontes primárias dos antigos escritores, é que Boudica liderou uma rebelião, junto à sua tribo, os iceni, contra o governo romano 17 anos após a invasão da Britannia por estes últimos. Essa rebelião foi responsável pela destruição de alguns assentamentos romanos da província, além de acarretar muitas mortes* (BÉLO, 2014a, p. 5).

O desastre maior, na concepção dos romanos, foi o fato de serem vencidos por uma mulher, deixando para eles um sentimento de vergonha, mas esse sentimento um dia teria fim, pois foi o general romano Suetônio quem conseguiu derrotar Boudica e seu exército (BLACK, 2014).

Não há informações concretas sobre o que de fato aconteceu com Boudica. *“Não há um consenso [se ela] teria tirado a própria vida ou se, após a derrota, teria adoecido e morrido, mas é certo que não morreu no campo de batalha”* (BLACK, 2014, p. 75).

Ainda hoje, no século XXI, Boudica é lembrada, devido a uma cultura material elaborada no século XIX e início do século XX. Sua figura está atrelada ao movimento feminista e às diversas mulheres intelectuais de várias épocas (BÉLO, 2014a; 2014b).

Seus atos de coragem, ocorridos em tempos longínquos, entoaram uma lembrança de sua imagem que ecoou por diferentes períodos, tanto de forma polêmica como de glorificação. Contudo, sua figura originou consequências e pensamentos sociais até o presente, principalmente em relação às mulheres (BÉLO, 2015, p. 46).

Boudica foi muitas vezes descrita como uma mulher masculinizada, outras como uma mãe devota, ou até

como uma super-heroína, de forma que os britânicos pudessem compará-la a mulheres com poderes governamentais. Portanto, entende-se que ela era representada de acordo com o período histórico e da maneira como as mulheres daquela época eram vistas e tratadas. Como a ‘primeira mulher britânica’, serviu de influência às feministas e líderes femininas da Inglaterra, como por exemplo, as rainhas Elizabeth I, Vitória e até mesmo a ex-primeira-ministra Margaret Thatcher, que fizeram com que a sua imagem fosse remetida à força das mulheres. Em Londres, às margens do Rio Tâmisa, foi erigida uma estátua em homenagem à guerreira, situada ao lado do Parlamento Britânico, e as sufragistas, ao reivindicarem a liberdade de voto, utilizaram sua estátua como símbolo de luta feminina (BÉLO, 2014a; 2014b).

Boudica teve grande relevância na história do povo celta, era forte, destemida e perigosa, lutou ao lado dos homens para defender seu povo, e, mesmo após ser derrotada, é símbolo de força, coragem, luta, empoderamento, servindo de inspiração para mulheres de todas as gerações para que enfrentem seus piores inimigos: o machismo, a vio-

lência, os abusos, a discriminação, pois mesmo após tantos séculos, ainda hoje as mulheres são tratadas e vistas como sendo inferiores aos homens.

O feminismo e o empoderamento feminino

Ao longo da história sempre existiram mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por igualdade, por direitos, lutas que, na maior parte das vezes, custaram suas vidas, como, por exemplo, a Inquisição da Igreja Católica, que matou milhões de mulheres que se opuseram aos seus princípios, sendo vistas como bruxas e praticantes de artes das trevas. A mulher sempre foi vista com inferioridade e como as grandes causadoras das desgraças humanas, como Eva, Pandora e Helena de Troia, entre tantas outras, tendo essas ideias sido propagadas pelas mitologias e religiões (MELO; THOMÉ, 2018; PINTO, 2010).

O movimento feminista surgiu durante o século XIX, influenciado pela Revolução Francesa, visto que as mudanças trazidas por ela resultaram na modificação de pensamentos e comportamento das mulheres, que tomaram consciência das desigualdades às quais estavam sendo sub-

metidas, questionando e lutando para tentar mudar a desigualdade política e de direitos. A princípio seus objetivos estavam relacionados aos direitos políticos, à liberdade de escolha e ao direito de usufruir a vida pública, e foi na Inglaterra que surgiu a primeira onda de feminismo e também o movimento sufragista, sendo essas mulheres conhecidas por “sufragetes”, que lutaram por direito ao voto; diversas manifestações ocorreram por Londres, muitas mulheres foram presas, fazendo inclusive, greve de fome. No Reino Unido elas somente conquistaram o direito ao voto em 1918 (AZEVEDO; SOUSA, 2019; PINTO, 2010).

Aqui no Brasil a primeira onda do feminismo ocorreu por meio da luta pelo povo, as sufragetes brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, uma bióloga e cientista que em 1910 iniciou a luta pelo voto. Ela foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (PINTO, 2010).

Azevedo e Sousa (2019) acrescentam que na década de 1960, principalmente nos Estados Unidos, mas também na Europa, ocorreram diversas manifestações em prol da luta das mulheres e de causas feministas, ocorrendo um dos protestos mais

conhecidos, a revolta da “queima de sutiãs”, que marcou a entrada do movimento feminista estadunidense para a história, cujo objetivo era “questionar os padrões machistas e comportamentos que foram historicamente constituindo valores da cultura masculina durante séculos na sociedade” (AZEVEDO; SOUSA, 2019, p. 1).

Portanto, de modo a entender o conceito de feminismo, Melo e Thomé o define da seguinte forma:

Compreende movimentos políticos e sociais que pretendem construir direitos iguais para os seres humanos na sociedade. São teorias e filosofias que pregam a igualdade entre homens e mulheres, além de promover a construção dos direitos das mulheres. Ou de uma percepção coletiva das mulheres de que existe uma opressão, dominação e exploração de que foram e são objetos de sujeição por parte dos homens (MELO; THOMÉ, 2018, p. 19).

Após trazer alguns esclarecimentos, mesmo que de forma breve, sobre o feminismo, é preciso entender o que é o empoderamento feminino, termo que tem sido bastante utilizado. Matia (2017, p. 18) informa que, “não é um termo usado exclusivamente para fins feministas”, pois, conforme consta nos “Princípios de Empode-

ramento das Mulheres”, lançado pela ONU Mulheres Brasil,

Empoderamento significa que as pessoas – tanto mulheres como homens – [tenham a garantia de] uma ampliação da liberdade de escolher e agir, ou seja, o aumento da autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam suas próprias vidas, [por exemplo,]: definir os seus objetivos, adquirir habilidades (ou ver as suas habilidades e conhecimentos reconhecidos), aumentar a autoconfiança, resolver problemas e desenvolver a sua independência. É, simultaneamente, um processo e um resultado. [É] dar ou adquirir poder ou mais poder. [...] Fala-se, então, do empoderamento das pessoas em situação de pobreza, das mulheres, dos negros, dos indígenas e de todos aqueles que vivem em relações de subordinação ou são desprivilegiados socialmente (ONU Mulheres Brasil, 2011; 2016).

Sardenberg (2006) informa que o empoderamento é também processo e o resultado deste, e aponta três objetivos que esse processo possui, salientando que esse processo de empoderamento deve estar presente em todas as estruturas e nas fontes de poder relevantes.

(1) *questionar a ideologia patriarcal;*
 (2) *transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero, as desigualdades sociais; e*
 (3) *criar as condições para que as mulheres pobres possam ter acesso – e controle sobre – recursos materiais e informacionais* (SARDENBERG, 2006, p. 6).

No que se refere à realidade brasileira, o empoderamento torna-se relevante, pois concede liberdade às mulheres que são afetadas por ameaças machistas, pela desigualdade econômica e racial, dentro de uma sociedade que tem como costume, marginalizar todos que considerem como “minorias” (MATIA, 2017).

“Devemos empoderar as mulheres para que elas tenham a oportunidade de fazer sua própria revolução, para que possam enxergar-se em grau de equidade para com os homens” (MATIA, 2017, p. 20).

Portanto, é preciso continuar dando voz a essas mulheres, empoderá-las, para que continuem lutando para conquistarem seu espaço na sociedade, que denunciem o machismo, as violências, os preconceitos; se muito já mudou, com a luta diária e persistente, muito mais ainda mudará.

A letra da música “Warrior Queen” e o empoderamento feminino

Conforme mencionado anteriormente, para desenvolver esse artigo, foi escolhida a música “Warrior Queen”, que faz parte do EP “The Tribes of Witching Souls”, lançado em 2019, cuja letra foi escrita por Bruno Maia. No álbum ele divide os vocais com a vocalista Daísa Munhoz, e a letra trata do empoderamento das mulheres, como Bruno informa: *“a letra é inspirada em grandes guerreiras e rainhas guerreiras celtas, como a Boudica. É uma letra que enaltece a bravura de muitas mulheres, sua dignidade e protagonismo”* (GARCIA, C., 2019).

Portanto, considerando tudo que foi exposto até o momento, foi realizada a análise da letra da música (o quadro do lado esquerdo corresponde à letra original em inglês, e o quadro do lado direito corresponde à tradução, realizada pela autora).

Letra original em inglês

"Braves she rides amongst men
 Leading troops with rage and pride"

Tradução

"Brava ela cavalga entre os homens
 Liderando tropas com raiva e orgulho.

Nesses versos é possível fazer um comparativo entre as informações trazidas sobre Boudica, o fato de ter sido uma mulher guerreira que liderou tropas e lutou ao lado dos homens; com a atual sociedade e mundo corporativo nos quais as mulheres estão inseridas, lugares ainda machistas e preconceituosos.

Algumas empresas ainda hesitam em contratar profissionais mulheres para cargos elevados ou de tradição masculina. Muito disso ainda é oriundo do machismo dos séculos passados e da influência das religiões. Apesar de liderar em nível educacional, as mulheres ainda recebem salários cerca de 30% menores que os homens de mesma escolaridade e que ocupam os mesmos cargos. Algumas empresas evitam contratar profissionais mulheres por receio de que os filhos e a família atrapalhem o desempenho profissional delas (ENTSCHEV, 2014).

O mundo corporativo sofreu diversas mudanças com o passar do tempo, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, nas empresas e indústrias ocorreu de forma gradativa; elas têm ganhando cada vez mais espaço e destaque naquelas áreas predominantemente masculinas, como a engenharia, a informática, a construção civil e as áreas de tecnologia (ENTSCHEV, 2014).

Letra original em inglês

"Facing suffering, death and blood"

Tradução

"Enfrentando sofrimento, morte e sangue".

Após negar-se a entregar as terras e heranças de seu povo aos romanos, Boudica foi açoitada e viu suas filhas serem violentadas por eles, provocando seu ódio contra aqueles homens. Nesse verso pode-se claramente fazer um comparativo aos altos índices de feminicídio, que vem crescendo de forma desenfreada no país - em pleno século XXI, a violência contra mulher cresce de forma alarmante, inúmeros são os casos de abusos, assédio, estupros. A mulher vive constantemente em um campo de batalhas, correndo o risco de sofrer violência não somente nas ruas, mas muitas vezes em casa, pelos seus próprios parceiros.

Conforme levantamento do Datafolha, realizado em fevereiro de 2019 e encomendado pela ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) para avaliar o impacto da violência contra as mulheres no Brasil, publicado em reportagem no site BBC News Brasil:

Nos últimos 12 meses, 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento

no Brasil, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio. Dentro de casa, a situação não foi necessariamente melhor. Entre os casos de violência, 42% ocorreram no ambiente doméstico. Após sofrer uma violência, mais da metade das mulheres (52%) não denunciou o agressor ou procurou ajuda (FRANCO, 2019).

Ser mulher e viver no Brasil tem sido um grande risco, há estudos que apontam o Brasil como sendo um dos países mais violentos do mundo para as mulheres. De acordo com o estudo realizado pelo United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC):

A taxa de homicídios femininos global foi de 2,3 mortes para cada 100 mil mulheres em 2017. No Brasil, segundo os dados divulgados hoje [08 março de 2019] relativos a 2018, a taxa é de 4 mulheres mortas para cada grupo de 100 mil mulheres, ou seja, 74% superior à média mundial (BUENO; LIMA, 2019).

Nos últimos anos ocorreram alguns avanços legislativos e a solidificação de diversas leis como, por exemplo, a Lei Maria da Penha, em 2006, a mudança na Lei de estupro, em 2009, a Lei do feminicídio, em 2015, e, mais recentemente, a Lei de importunação sexual, de 2018. No entanto, ainda

não são suficientes para garantir proteção às mulheres, já que as políticas públicas implementadas com o objetivo de garantir seu cumprimento ainda são muito frágeis. Essa tragédia brasileira na segurança pública não se resume apenas à lentidão das leis, mas também ao poder público, que tem falhado todos os dias por não ser capaz de garantir a vida de milhares de mulheres (BUENO; LIMA, 2019).

Letra original em inglês

"She is the fearless Queen, almighty.
Fierce and wise she moves
throughout
The fields... the horde she inspires.
She brings out the best the men have
Yet she embodies lust, desire".

Tradução

"Ela é a rainha destemida, toda-
poderosa.
Feroz e sábia ela se move pelos
campos
Os campos... a horda que ela inspira.
Ela traz o melhor que os homens têm
No entanto, ela encarna a luxúria, o
desejo."

No trecho acima é possível identificar uma mensagem positiva sobre a figura da mulher - certamente Boudica inspirou muitos guerreiros à

sua volta com sua coragem, força e determinação; até pelo fato de que todos que se encontravam nos campos de batalha estavam defendendo um mesmo ideal, manter suas terras e pertences. De certa forma, a mulher muitas vezes exerce esse papel na sociedade ou dentro de casa, estando à frente em diversas situações, liderando equipes, estudando, cuidando da casa e dos filhos (às vezes sem a ajuda de um companheiro). A intenção aqui é colocar a mulher em igualdade com o homem, com capacidade de liderar, inspirar, dar diretrizes, tomar decisões de forma tão exemplar quanto um homem. Assim como já discutido, entre os povos celtas a mulher possuía os mesmos direitos do homem, sendo tratada com a mesma igualdade.

Letra original em inglês

"She makes all men shiver, at the
whisper of her name,
Even Cesars would think twice to
face her
Powerful bright flame."

Tradução

"Ela faz todos os homens tremerem,
ao sussurro de seu nome,
Até mesmo Cesar pensaria duas vezes
para enfrentá-la
Poderosa chama brilhante."

O povo celta era bastante feroz durante as batalhas, e as mulheres celtas também eram muito corajosas, destemidas, fortes e perigosas o bastante para serem temidas por seus inimigos. Pode-se, portanto, trazer essa comparação aos dias atuais, mostrando que pelo fato de as mulheres ainda serem consideradas inferiores aos homens, elas necessitam então mostrar que são tão capazes quanto eles, ou seja, lutam diariamente para provarem seu valor diante da sociedade. Um exemplo disso é em relação às mulheres que trabalham no meio musical e que muitas vezes, por mais conhecimentos e capacidade que possuam, nunca têm seu trabalho valorizado. Por exemplo, a garota canhota que toca bateria e não é respeitada pela equipe técnica, a multi-instrumentista que precisou gravar um álbum sozinha, pois não acreditavam em seu potencial, e até mesmo a garota que, mesmo tendo um microfone nas mãos, é impedida de dizer o que pensa (MEDICI, CASTRO, MONTEIRO, 2017).

Letra original em inglês

"It's been told by folks from here and there

The gods protect her flesh.

Let the Queen return from battle,
Bringing out our hymns, their heads."

Tradução

"Tem sido dito por pessoas daqui e dali

Os deuses protegem sua carne.

Deixe a rainha voltar da batalha,
Trazendo nossos hinos, suas cabeças.

Na estrofe final é possível visualizar uma mulher destemida voltando da batalha, uma mulher protegida pelos deuses, carregando consigo as cabeças dos inimigos, uma rainha!

Ao fazer uma comparação com a realidade atual, é possível destacar o empoderamento feminino, ou seja, diante do que foi tratado anteriormente acerca do que foi o feminismo e o que representa o empoderamento feminino, é possível entender que essa mulher é empoderada, que luta, batalha para conseguir o que deseja, não permite que ninguém lhe diga o que deve ou não fazer, é dona de si e decide o que é melhor para sua vida, tem autonomia para fazer suas próprias escolhas, não depende de ninguém para mantê-la, e, conforme Bruno disse em entrevista (já mencionada anteriormente), a letra

dessa música foi escrita de forma a enaltecer a bravura e a coragem das mulheres, sua dignidade e o protagonismo que vêm exercendo em todas as áreas na história da humanidade.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Mileane Andrade; SOUSA, Luciano Dias de. Empoderamento feminino: conquistas e desafios. SAPIENS – Revista de Divulgação Científica - UEMG CARANGOLA, v. 1, n. 2, p. 1-12, out. 2019. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/Sps/article/view/3571>. Acesso em: 27 set. 2021.
- BÉLO, Tais Pagoto. Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder. 2014. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281233>. Acesso em: 27 set. 2021.
- BÉLO, Tais Pagoto. Boudica em mulheres escondidas pela história. Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade, Campinas, ano 19, n. 28, p. 45-79,

- em: <https://glo.bo/34cnvLK>. Acesso em: 28 set. 2021.
- ENTSCHEV, Bernt. Mulheres que ocupam cargos tradicionalmente masculinos. *Gazeta do povo*, [s.l.], mar. 2014. Seção Talento em pauta. Disponível em: <https://bit.ly/32bQT3v>. Acesso em: 28 set. 2021.
 - FRANCO, Luiza. Violência contra a mulher: novos dados mostram que 'não há lugar seguro no Brasil'. *BBC News Brasil*, São Paulo, fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503>. Acesso em: 28 set. 2021.
 - GARCIA, Carlos. Tuatha de Danann: “Queremos nos manter relevantes e capazes de nos desafiar”. *Road to metal*, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/33ikfOO>. Acesso em: 24 set. 2021.
 - MATIA, Wédja Roberta Moura. Feminismo e empoderamento da mulher na sociedade brasileira. *Revista Cadernos de Clio*, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 11-29, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2sxFkHq>. Acesso em: 28 set. 2021.
 - MEDICI, Júlia; CASTRO, Clariana; MONTEIRO, Tiago. O Futuro é feminino: o empoderamento feminino por meio da música. In: 40° CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. *Anais [...]*, Curitiba: INTERCOM 2017. Disponível em: <https://bit.ly/34x9nwJ>. Acesso em: 28 set. 2021.
 - MELO, Hildete Pereira de; THOMÉ, Débora. Mulheres, poder e feminismos. In: *Mulheres e poder*. Rio de Janeiro: FGV, 2018, p. 17-36.
 - ONU MULHERES BRASIL. Princípios de empoderamento das mulheres, [s. l.], 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2PTIOwi>. Acesso em: 29 set. 2021.
 - ONU MULHERES BRASIL. Princípios de empoderamento das mulheres, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2NHxVfP>. Acesso em: 29 set. 2021.
 - PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624/20159>. Acesso em: 29 set. 2021.

- SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL: TRILHAS DO EMPODERAMENTO DE MULHERES – PROJETO TEMPO, 1. 2006, Salvador. Anais [...]. Salvador: NEIM/UFBA, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2RWTbSu>. Acesso em: 29 set. 2021.
- DIAS, Fernanda de Lourdes Nepomuceno. Música como fonte de informação: a letra de “Warrior Queen” como fonte para discussão do empoderamento feminino na biblioteca. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Centro Universitário Assunção, São Paulo, 2019. Disponível em: http://200.171.215.211:8010/biblioteca_web/asp/prima-pdf.asp?codigoMidia=4141&iIndexSrv=1. Acesso em: 29 set. 2021.

NOTAS

- [1] A grafia do nome “Boudica” varia de autor para autor, “Boudicca”, “Boudica”, “Boadicea”, etc., mas para o desenvolvimento desse artigo, optou-se pela sua grafia simplificada: Boudica, exceto nas citações diretas.
- [2] Conforme o minidicionário Aurélio, o significado de matrilinear é: 1. Relativo aos parentes por linha exclusivamente feminina. 2. Relativo a descendência pela linha materna.
- [3] Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281233>.

HISTÓRIAS QUE O POVO CONTA

POR LIZANDRA SILVEIRA

Os anos da infância, especialmente no interior do Brasil, eram povoados por histórias. São “causos” contados pelos próprios familiares, recheadas de mistério e maravilhamento, que assumem características de lendas, anedotas e contos.

As histórias narradas nos permitem conhecer como as pessoas daquela época e local imprimiam significado às experiências do dia a dia, e fornecem material que nos ajudam a captar sua forma de pensar.

Desde tempos imemoriais o conhecimento é transmitido por meio da palavra falada. As histórias orais “são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade (SILVEIRA, 2007).

Os narradores das histórias são figuras comuns em todo o país, são aqueles que se recordam do “causo”, que os vivenciaram ou ouviram a respeito e o transmitem a familiares e amigos.

Therezinha, minha avó materna, é uma dessas contadoras de histórias, sempre conseguiu reunir toda a família para escutar o que ela tinha para compartilhar. A escrita de seu livro de memórias teve como objetivo permitir que essas histórias não fossem esquecidas e pudessem continuar a ser contadas. Como pontua Robert Darnton, ao mencionar os contadores de histórias do século XVIII:

“O maior obstáculo é a impossibilidade de escutar as narrativas, como eram feitas pelos contadores de histórias. Por mais exatas que sejam,

as versões escritas dos contos não podem transmitir os efeitos que devem ter dado vida às histórias no século XVIII: as pausas dramáticas, as miradas maliciosas, o uso dos gestos para criar as cenas e o emprego de sons para pontuar as ações" (DAMTON, 2014, P.32).

Para este artigo, foram escolhidas histórias sobre aparições ou seres fantásticos que estavam presentes na vida daqueles moradores, consideradas como experiências de contato com o sobrenatural. São três histórias de lobisomem, uma história de diabo, uma de alma penada e uma de negrinho d'água.

As histórias de Lobisomem, segundo Luís da Câmara Cascudo, foram trazidas pelos colonos europeus, estão presentes em vários países e foram registradas por diversos folcloristas.

"Em todas as cidades, vilas e povoados do Brasil, o Lobisomem tem sua crônica. Ninguém o ignora, e raros serão os que não têm um depoimento curioso sobre a abantesma." (CASCUDO, 2002, P.183)

Assim conta Therezinha:

"A noite estava linda, o céu estrelado, a lua passeava no céu, brincando de esconde-esconde com as nuvens.

Papai e mamãe, juntinhos, sentados na frente de nossa casa, observando-nos

brincar de roda. Papai sempre em sua cadeira com os joelhos dobrados, os pés no assento quase cobrindo o rosto.

Fomos avisados que a luz permaneceria acesa mais tempo devido aos trabalhos na oficina. Já passava das onze da noite.

Mamãe chamou Cida e Dita, mandou as duas até a casa da frente chamar Sazinha, que estava conversando com as amigas da idade dela.

Ouvimos latidos de muitos cachorros e um forte barulho de alguém batendo palmas compassadas. Um bicho parecido com bezerro diferente andando vagarosamente e os cachorros acompanhavam latindo muito. O bezerro veio do lado da oficina e se dirigia para a estação. De repente mamãe nos chamou e colocou as crianças dentro de casa.

Papai fechou as portas e janelas, mamãe preocupava-se com as três, Sazinha, Cida e Dita. Viu quando elas atravessaram a esplanada e pararam para ver o bezerro. Aflita, mamãe chamou as meninas e mandou que entrassem.

Da janela ficamos olhando o bezerro. Era de fato um bicho muito estranho.

Mamãe disse: 'Não é bezerro e nem cachorro'.

Os cachorros tentavam se aproximar, o bicho balançava constantemente a cabeça, as orelhas arredondadas, com-

pridas, abaixo do pescoço batiam uma na outra, parecia que o bicho batia palmas. Um andar lento, as patas dianteiras enormes, fora do normal.

Era bem peludo. Passou em frente de casa e subiu atrás da estação.

Deve ter ido embora para o mato. Os latidos dos cachorros indicavam que o bicho já ia longe.

Papai disse: Que bicho estranho.

Mamãe completou: Será que é lobisomem? A lua é cheia.

Todos ficaram apavorados, com muito medo. Tivemos que ir de casa em casa entregar as crianças, que tremiam de medo.”

Ainda neste mesmo estilo, temos mais uma história, vivida por Amaro Filho, apelidado de Novo, irmão de Therezinha, acontecida em Aquidauana / MT.

“Este caso mamãe contava. Meu irmão em vida nunca esqueceu.

Mamãe morava na casa da chácara. Papai trabalhava na estação da NOB em horário noturno. Com o caso do homem de branco no poste, o agente mudou o horário, papai saíria de casa um pouco mais cedo.

Mamãe preocupava-se com ele, trabalhando a noite toda, sem comer um lanche e tomar seu predileto cafezinho, já que fazia suas refeições mais cedo. Então, todos os dias meu

irmão ia levar o café quentinho e um lanche para o pai. Ele saía de casa sempre depois das dez da noite. Da janela, mamãe cuidava do filho, com doze anos de idade, atravessar um caminho estreito com mato. Era uma estradinha arenosa onde só passavam carroças. O caminho fazia uma curva, numa distância de dois quarteirões. Logo começava a rua calçada com paralelepípedos, e um poste de iluminação pública.

Da nossa casa até a rua calçada o terreno era plano. A rua calçada começava num elevado pequeno. Um poste de iluminação pública no comecinho da rua. A parte de mato era enorme, da nossa casa até a rua o caminho fazia uma curva. Da janela, mamãe esperava o filho atravessar a parte matagosa, ao chegar no elevado poste iluminado, ele acenava com a mão para mamãe.

A preocupação de mamãe era a estradinha matagosa sem iluminação. Do poste iluminado até a estação eram ruas calçadas e iluminadas.

Quando o filho acenava do poste, mamãe fechava a janela e permanecia acordada, esperando o retorno do filho. Marcava o tempo certo dele ir e voltar. Abria a janela, colocava o lampião aceso, esperava o filho descer a rua e passar embaixo do poste ilumi-

nado. Ia ao seu encontro, sempre agradecendo aos anjos a proteção do filho ir e voltar na santa paz do Senhor.

Essa rotina era todos os dias. Com chuva, com frio, altas horas da noite lá ia meu irmão levar café para o pai. Nas noites escuras ele levava um lampião aceso. Apagava o lampião nas ruas iluminadas e acendia nas partes escuras.

Certa noite, a lua muito clara, ele não levou o lampião. Já passava das dez horas da noite. Mamãe, como sempre, na janela, esperava o filho acenar com a mão no poste iluminado. Mamãe ouviu latidos de muitos cachorros vindos em direção à parte do mato. Com o mato, mamãe não via o filho que seguia na estrada arenosa.

Mamãe viu vários policiais, com a arma na mão, correndo, descendo a calçada em direção à parte matagosa. O filho ainda atravessava a parte do mato.

Mamãe se ajoelhou, pedia a proteção a todos os anjos e santos. Da janela, viu o filho conversar com os policiais, acenar e seguir o seu caminho. Mamãe agradecia a Deus e, ansiosa, esperava o retorno do seu filho. Quando o filho passou pelo poste iluminado, correu ao seu encontro, muito emotiva, chorava muito.

Novo, assustado, dizia: 'Eu seguia meu

caminho e virava a curva, quando vi uns vinte cachorros e um bezerro, andando lentamente. O bezerro tinha enormes patas. As orelhas grandes e arredondadas, o focinho de cachorro. Para espantar os cachorros em volta dele, balançava constantemente a cabeça. As orelhas muito grandes batiam uma na outra, parecia que o bezerro batia palmas. Passaram bem pertinho de mim e não me viram. Eu ainda parei para olhar o bezerro. Ele era um bicho muito estranho. Os cachorros não atacavam, só latiam e o acompanhavam dos lados e atrás, nenhum cachorro ficava na frente do bicho, que calmamente entrou no mato. O maior perigo não foi o bicho. Foram os policiais que quase me crivaram de balas. Eu sem o lampião, andando no caminho matoso. Meu medo eram as sombras dos matos confundirem os policiais que, perseguindo o bicho para atirar e matar, não sabiam que eu estava pelo caminho.

Só viam a sombra de alguém que caminhava. Um policial gritou: Atira, é o bicho. Outro gritou: Não atira, é gente! Se for, responda! Eu gritei: Sou eu! Quando os policiais me reconheceram um deles perguntou: O que faz você, menino, uma hora dessas no meio do mato?

-Vou levar café para o meu pai na es-

tação.

-Você é filho do seu Amaro?

-Sou – disse o Novo.

-Você viu o lobisomem?

-Não. Eu vi um bezerro estranho e um monte de cachorros perseguindo ele, passou bem pertinho de mim. Nem o bicho e nem os cachorros me viram. O bicho tinha orelhas de elefante, caídas abaixo do pescoço, balançava a cabeça constantemente para espantar os cachorros. As orelhas arredondadas batiam palmas. Eu fiquei parado olhando o bezerro.

-O que você viu foi um lobisomem, menino. Costumam atacar e matar as pessoas que cruzam seu caminho. Menino, você tem proteção dos anjos. Seu santo é muito forte, escapou do bicho e quase morre crivado de balas. Agradeça a seu anjo. Ele te salvou. Você é um menino protegido. Vá com Deus, meu filho, e que Deus nunca lhe abandone.'

Nunca mais Novo foi levar o café à noite. Mamãe sabia que sua fé em Deus e suas orações não eram em vão, só não podemos abusar. O que aconteceu com o maninho foi um sinal de alerta. Logo mamãe viu o perigo."

Em ambas as histórias, acontecidas em tempos e locais diferentes, o lobisomem é descrito com uma espécie de bezerro. Segundo Câmara

Cascudo, a sina do lobisomem no Brasil decorre de algum pecado, estando muito ligado a causas religiosas ou tabus, como o incesto.

"Transforma-se em um bicho grande, bezerro de alto porte, com imensas orelhas, cujo rumor é característico. Procura sangrar crianças, animais novos e, faltando esses, a quem encontrar, antes do quebrar da barra, antes que o dia se anuncie."(CASCUDO, 2012, P.401)

Na história contada a seguir, já encontramos uma construção narrativa mais próxima das tradições europeias. Passa-se no sertão de Pernambuco e, ao contrário das outras duas histórias, não foi presenciada por alguém da família.

"Eu perguntei a mamãe:

-A senhora acredita em lobisomem? Acredita que realmente existe?

-Se o lobisomem existe, eu nunca vi, até gostaria de vê-lo. Uns dizem: 'eu vi um lobisomem, é um bezerro com enormes patas e orelhas de elefante', outros dizem 'é um bicho estranho, peludo, com unhas compridas, o olhar de fogo'. O lobisomem, para mim, tem que ser metade bicho, metade homem.

Às vezes nós imaginamos que é lobisomem só porque é um bicho estranho e apareceu na força da lua cheia. O homem que nasce com tendência para o mal, na força da lua

cheia, vai para a mata e se transforma em lobisomem. É lenda, ninguém nunca provou.

Era comum no sertão do Pernambuco as mulheres terem muitos filhos. A mulher que tinha um ou dois filhos era considerada má criadeira. Não era boa mãe. A mulher que tinha sete filhos homens seguidos, o sétimo viraria lobisomem, ou vice-versa. Caso nascesse uma menina, mesmo que fosse aborto, ou se a menina nascesse e morresse, o encanto seria quebrado, o sétimo filho não virava lobisomem.

Naquela época também comum era os pais arrumarem o marido para a filha. Tinha que ser muito conhecido da família. Não importava se era feio ou bonito, moço ou velho. As duas famílias é que decidiam. Faziam os preparativos e só apresentavam o noivo da filha na véspera. Eles diziam: Eis aqui seu noivo, seu futuro marido. A filha teria que aceitar. Do contrário, era castigo severo.

Era tradição a nora chamar os sogros de pai e mãe. Era um respeito fora do comum. A educação dos filhos era severa. Os filhos eram subordinados aos pais, gênio ruim era cortado no laço.

Havia uma história de um casal que só tinha uma filha. A menina completava quatorze anos e os pais tratavam de

lhe arrumar um noivo. Os pais da menina conheciam a família do rapaz. Moravam bem distante, em um outro estado. Os pais da mocinha e os pais do noivo combinaram o casamento dos filhos.

Fizeram os preparativos para a festa e na véspera do casamento os pais da noiva apresentaram o noivo e futuro marido. Os pais do noivo apresentaram a noiva e futura esposa.

A mocinha, muito humilde, aceitou o casamento. Casaram-se e foram morar numa bela casa, comprada pelos pais. Após o casamento, os pais do noivo foram para o estado onde moravam. Eram os pais da noiva que orientavam os filhos em sua nova vida.

Em pouco tempo de casados, a filha veio na casa dos pais e comentou que de vez em quando o marido se levantava altas horas da noite e só voltava muito tempo depois. A mãe aconselhou: 'Quando seu marido sair à noite, siga-o sem que perceba sua presença'. Foi o que aconteceu.

Quando o marido se levantou e saiu, altas horas da noite, ela o seguiu, sem que percebesse sua presença. Ele não foi para a cidade, entrou no mato. Ela o seguiu e se embrenhou no mato. A lua estava muito clara. Ela procurava não perdê-lo de vista. Seguiu o marido até certo trecho, logo ele desapareceu na

mata. Ela ainda procurou por um bom tempo, mas não o encontrou.

Ela voltou e entrou numa estradinha. Na perseguição, distanciou-se de sua casa.

Antes de sair do mato, ela ouviu um ruído estranho. Olhou para trás e viu um bicho muito estranho, caminhando lentamente. Ela entrou no mato e subiu numa árvore, se agarrou nos galhos tremendo de medo. Esperou o bicho passar, ir embora, para descer e ir correndo para sua casa.

O bicho veio em direção à árvore que ela estava. A camisola comprida descia abaixo do galho onde estava.

O bicho tentava puxá-la pela camisola. Rasgando a renda e parte do tecido. O bicho desistiu e, lentamente, se afastou. Ela esperou um tempo para descer da árvore e correr para sua casa.

Quando chegou em casa, o marido dormia profundamente. O dia amanheceu e ela viu nos dentes do marido que ainda dormia com a boca aberta os fiapos de sua camisola. Apavorada, correu para a casa dos pais, levando a camisola rasgada. Contou para os pais o acontecido.

A mãe disse: Estamos na lua cheia. A força da lua transforma o homem, quando tem tendência para o mal. Seu marido é o bicho que você viu no mato

e tentou lhe atacar. Seu marido é um lobisomem.

Os pais desapareceram do lugar, levando a filha. Nunca mais foram vistos. O pobre rapaz perambulava pelas ruas, meio desorientado. Se era o sétimo filho, ou se se transformava em lobisomem, nem ele sabia.”

Das histórias de lobisomem, essa é a única que apresenta alguma causa para a sina do transformado, que seria ser o sétimo filho em uma família com sete filhos homens ou sete filhas mulheres. Segundo Câmara Cascudo, esta predestinação, neste caso, dá-se ao acaso e “liga-se com o número que a astrologia acácia ou caldaica tornou fatídico – o número sete.”(CASCUDO, 2012, P.401) A lenda muda conforme a região, e, segundo o autor, o lobisomem é o mais popular dos animais fabulosos, com influência e crédito tradicional em todo o Brasil.

A presença desta criatura no imaginário brasileiro pode ser explicada considerando a influência portuguesa na difusão da crença, o medo do desconhecido, representado pelas regiões de mata virgem que faziam fronteira com os povoados (pode-se observar que em todas as três histórias, o animal desconhecido, em algum momento, entra no mato e desaparece) e também as caracterís-

ticas punitivas da religião católica, que apresentavam castigos para aqueles que desobedecessem a alguma ordem moral.

As histórias de assombração e diabo também são muito comuns na cultura brasileira. Segundo Câmara Cascudo, o diabo no Brasil possui características europeias / portuguesas, com as mesmas seduções e pavores. Metamorfoseia-se em animais para tentar os homens que não seguem os caminhos de Deus, como podemos ver na história a seguir:

“Quando chegamos em Água Clara, este caso todos contavam. Uns afirmavam ser verdadeiro, outros diziam que era gozação. O certo é que todos que contavam esse caso o faziam com a maior graça. A história é a seguinte:

Três rapazes tomavam cerveja na mesa do bar. Era uma quinta-feira santa. Incrédulos, os ateus zombavam de todos os presentes que respeitavam a Semana Santa. O dono do bar os repreendeu: ‘Acho bom vocês respeitarem esses dias. É uma semana sagrada. No dia de quinta-feira santa e sexta-feira maior o diabo anda solto. Com a força da lua cheia, ele aparece em forma humana e forma de gato ou cachorro. Ninguém sabe como ele vem, melhor não abusar.’

Os três rapazes criticavam, fazendo a maior farra. Um deles era chamado Zé. O Zé, contrariando a opinião de todos, provocou: ‘Hoje à noite vamos curtir a lua cheia. Vamos fazer uma bela pescaria, caçar paca, amanhã nós vamos comer peixe assado e churrasco de paca.’ O céu estrelado, a lua estava linda. Os três rapazes se embrenharam na mata.

O céu começou a escurecer. As pesadas nuvens cobriam todo o clarão da lua. Os relâmpagos riscavam o céu, anunciando um forte temporal. O temporal desabou. Os três procuraram abrigo embaixo de uma copa de árvore. Quando o temporal passou, deixou a mata gelada. Os homens, morrendo de frio, acenderam uma fogueira com folhas e gravetos. Sentados de cócoras em volta da fogueira, conversavam e se aqueciam. A lua no céu já iluminava a mata.

Ouviram um pintinho piando. O pintinho piava sem parar e não aparecia. Os três olhavam para todos os lados. Não viam o pintinho. De repente, o pintinho apareceu todo molhado, tremendo de frio, procurando se aquecer perto da fogueira, junto com os homens. No silêncio da mata, o piado do pintinho ressoava fundo nos ouvidos dos rapazes.

Era irritante! O pintinho olhava para os

três com os olhos abertos, sem piscar. Um deles perguntou:

-Há casa aqui perto?

-Não – respondeu o Zé – conheço toda essa região, não há casa não.

-De onde veio esse pinto preto?

-Talvez a mamãe galinha morreu e ele ficou abandonado.

-Não há casas aqui por perto, não pode haver mamãe galinha.

O pintinho, tremendo de frio, piava sem parar. Pi pi pipipi. Pipipi

Os rapazes foram ficando com medo. O pintinho foi se aconchegando, procurando aquecer-se encostado no Zé. O Zé se afastava. O pintinho não parava de piar. Os rapazes começaram a tremer, não era frio, era medo. O olhar do pintinho causava pavor. A presença do pintinho no meio da mata fechada era muito estranha.

De repente o inofensivo pintinho espichou o pescoço, que cresceu mais de um palmo da mão. A voz do pintinho era rouca e grossa:

-Tá frio, né, Zé? Mas nem é cum nós, né, Zé?

Os três saíram correndo. O caminho era estreito, o Zé era o último da fila. O Zé corria e olhava para trás. O pintinho corria junto, estava sempre bem pertinho do Zé. Cada vez que o Zé olhava para trás, o pintinho gargalhava e dizia: Corre Zé!

Havia um córrego raso, com água espalhada. Eles atravessaram o córrego e caíram do outro lado, os três, quase sem fôlego para se levantar. Apavorados, olharam para trás, o pintinho cresceu, gargalhou e disse com a voz rouca e grossa:

-A água salvou vocês, né, Zé?

Eles viram uma enorme bola de fogo, a gargalhada, um grande estouro e o pintinho desapareceu. Era o diabo!”

Tal “causo” possui uma função claramente pedagógica, ao mostrar as consequências dos atos que vão contra a tradição/tabu e acabam entrando no território do sobrenatural. A água possui um papel essencial na história, ao salvar os personagens de um destino trágico. Segundo o Dicionário do Folclore Brasileiro:

“As águas vivas e correntes não podem ser atravessadas pelos animais fabulosos nem pelos feiticeiros, em qualquer parte do mundo.”(CASCUDO, 2012, P.8)

Ainda sobre o contato com o sobrenatural, a próxima história possui um “causo” sobre o negrinho do rio, e traz, como cita Frank Cardoso Lummertz no artigo “A literatura oral como força de expressão da cultura popular: o gritador”:

“Além da referência ao ocorrido, histórias de assombrações nos reme-

tem ao medo, ao perigo. Numa região desprovida de caminhos e luzes de redes elétricas, essas histórias poderiam tencionar para certa educação aos filhos e pessoas próximas, como numa moral, espécie de, e para impor 'limites' aos mais jovens, proposto por tal grupo de adultos, ou seja: onde se pode ir, com quem se pode ir, como se pode ir?"

Assim é narrada a história, acontecida em Aquidauana/MT:

"(...) Chegou uma senhora de meia idade, procurando mamãe para fazer algumas costuras.

-Eu soube que a senhora costura para fora, vim procurá-la.

Mamãe, muito prosa, fez amizade com a mulher. As duas conversavam sobre as costuras e continuavam com outros assuntos.

Mamãe era boa de papo, a mulher também. A mulher perguntou:

-Dona Nina, a senhora já ouviu falar no negrinho d'água que vive no rio Aquidauana?

-Não – disse mamãe – é gente ou demônio?

-Eu acho que é o saci-pererê.

Mamãe sorriu: - Saci-pererê não existe, é uma lenda.

-É, dona Nina, mas o negrinho d'água existe, ele é real.

-A senhora conhece alguém que já viu essa criatura?

-Dona Nina, vou lhe contar um caso. Aconteceu faz pouco tempo. Eu tenho um irmão que mora na margem esquerda do rio. Meu irmão tem duas filhas já mocinhas. Eu tenho outro irmão que mora perto da estação ferroviária. Meu irmão deu uma festa de aniversário de quinze anos da filha. No dia do aniversário, minha cunhada ficou em casa cuidando da mãe doente. Meu irmão pegou as duas filhas e uma amiguinha. Ele tinha uma boa canoa. Sabia manobrar a canoa no remo. Era um bom canoeiro. Logo após o almoço, ele e as meninas foram para o aniversário. Às dez horas da noite ele chamou as filhas e a amiguinha para ir embora. Com a lua muito clara, ele não levou lanterna. O reflexo da água do rio com o clarão da lua parece entardecer. Os quatro atravessavam o rio na canoa, as três meninas sentadas bem no centro e meu irmão remando em pé.

No meio do rio surgiu uma figura estranha. Mergulhava e saltava no ar, emitindo um grunhido estranho, gargalhava no ar, saltando aqui e acolá, em volta da canoa, impedindo que meu irmão chegasse às margens. Meu irmão, no desespero, batia com o remo, tentando afastar o bicho, e acertava-lhe uma paulada. Aflito com as meninas gritando, a canoa, sem rumo, descia rio abaixo, e o negrinho saltan-

do em volta da canoa tentando emborcá-la. Meu irmão gritou: Deitem na canoa e rezem o Pai Nosso.

O negrinho fazia muito barulho no ar e na água. Com muito custo meu irmão alcançou a margem. Ao saltarem ainda viram o negrinho dar o último mergulho, desaparecendo na água. Meu irmão nem prendeu a canoa na corrente, largou-a solta no rio. Distanciaram-se do caminho, caminharam mais de meia hora na mata para alcançar o caminho de volta.

Dona Nina, minhas sobrinhas estão traumatizadas. Acordam à noite gritando assustadas. a amiguinha está internada com crise de choro. O médico disse que ela está com sérios problemas mentais. Meu irmão nunca mais procurou a canoa. Cada vez que precisa ir à outra margem, prefere andar vários quilômetros e passar por cima da ponte.”

O negrinho d'água faz parte do folclore do Centro-Oeste, sendo bastante presente no estado do Mato Grosso. Trata-se de um personagem fantástico que habita os rios e tenta sempre virar as canoas, com saltos e gargalhadas, bem dentro da descrição supracitada.

As histórias acontecem geralmente durante a noite, muitas vezes quando a lua está cheia – fato que dispensa

que os personagens levem um lampião ou uma lanterna, ficando assim mais suscetíveis ao domínio do sobrenatural.

Os acontecimentos são, geralmente, narrados pela pessoa que presenciou o fato, que, muitas vezes, foi transmitido a terceiros, que passam a contar a história também. Percebe-se que a presença do mítico se dá pela falta de uma explicação racional para o acontecido.

Como explica Frank Cardoso Lummertz:

“Como historiadores, extraímos desses ‘causos’ a essência do meio social, ou seja, a dinâmica daquilo que era dialogado entre as pessoas além de assuntos econômicos, políticos e do trabalho, mas assuntos corriqueiros, cotidianos que determinados grupos, com singulares histórias, mantinham, dando representação aos objetos e sujeitos, aos seres – naturais ou sobrenaturais – do lugar no qual estão inseridos. Muitas dessas lendas, em histórias tidas como fantasiosas e ficcionais, ilustram aspectos das relações sociais e culturais que grupos rurais mantiveram durante gerações. São as ‘consciências de experiências’, suas crenças e práticas enraizadas nessas recreações de contar ‘causos’,

de significar o presente, de ilustrar aspectos cotidianos, através da fala, pelo falado.” (LUMMERTZ, 2013)

Podemos refletir que, em uma sociedade basicamente rural, com a energia elétrica restrita, essas histórias eram contadas nas conversas do dia a dia e representavam a busca por exprimir significado às ocorrências inexplicáveis.

É possível ainda observar pequenos recortes do cotidiano em cada uma dessas histórias, pois descrevem como as pessoas se deslocavam (a pé, de canoa, etc.), como eram as comunicações, como eram realizados os transportes de mercadorias, a ausência de luz elétrica nos povoados, costumes de casamento e orientação aos jovens noivos, e a proximidade com a mata desconhecida e habitada por seres fabulosos.

Com o diálogo com outras fontes de lendas e “causos”, como o Dicionário do Folclore Brasileiro, percebemos que diversas características dos seres descritos são também catalogadas em contos de outros lugares, não sendo possível saber com exatidão se são de influência indígena, africana ou europeia. Independentemente de suas origens, são histórias que apresentam o imaginário da cultura brasileira.

Conforme esclarece Márcia Janete Espig:

“(…) As representações acerca do mundo objetivo, embora não sejam o retrato fiel e transparente deste, serão o modelo através do qual as pessoas orientarão seu agir na sociedade real. Além disto, estas representações não serão uma mera emanção do mundo material, mas estarão ligadas a formas culturais, tradições, estruturas mentais anteriores – e, neste sentido, tanto o homem faz as ideias quanto as ideias fazem o homem. Os indivíduos ou os grupos, via de regra, não apreendem o mundo de forma científica.”(ESPIG, 1998)

REFERÊNCIAS

- Cascudo, L. d. (2002). Geografia dos Mitos Brasileiros. São Paulo: Global.
- Cascudo, L. d. (2012). Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Global Editora.
- Darnton, R. (2014). O grande massacre de gatos. São Paulo: Paz e Terra.
- Espig, M. J. (dezembro de 1998). Ideologia, mentalidades e imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas. Anos 90, pp. 151-167.
- Lummertz, F. C. (2013). A literatura oral como força de expressão da cultura popular: o gritador. História, histórias. V.1 N.2, pp. 215-229.
- Silveira, É. d. (jul/dez de 2007). História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. Métis: história & cultura v. 6, pp. 35-44.



LIVRO: A Música do Universo: uma jornada mítica, musical e psicológica

AUTORAS: Larissa Dias, Angela Ribeiro e Érica Hotts

POR VITOR FILIPPO

Li o livro “A Música do Universo: uma jornada mítica, musical e psicológica” e o livro é ótimo. A viagem na qual as personagens são transportadas, como se estivessem batendo de porta em porta de cada mitologia e tendo contato com os deuses, é divina! Eu me sentia lá, junto com eles... Isso é tudo o que nós “mitólogos” sonhamos, ter a oportunidade de conversar com esses seres divinos!

No livro, percebi que a Larissa trata a mitologia com muito respeito, e gosto muito disso, muito em prol por eu ser um historiador e estudante de história antiga, admiro a necessidade de se respeitar os povos que viveram nessa terra e que cultuavam essas entidades. Neste livro, Larissa conseguiu isso e trouxe de maneira delicada e reverente cada um dos seres mitológicos apresentados.

Uma coisa que me chamou atenção é que no capítulo 1, página 48, Larissa cita “porque cada cultura nos



ensina algo diferente”. Essa frase é algo que todo historiador deve ter em mente!

Ângela, de maneira concisa e esclarecedora, consegue fazer não só uma explicação como ainda demonstra em exemplos o complexo tema do inconsciente coletivo. Além da explanação do ego e outros itens que acabam por complementar o conto.



Sobre o texto da Érica: eu adoro história da arte e a explicação inicial dela sobre esse tema voltado para a música é bem interessante, principalmente a parte em que ela correlaciona música e religião na antiguidade. Todos os textos cuneiformes Mesopotâmicos que tratam de mitologia são rimados e eram escritos com o intuito de serem cantados ou recitados.

Parabéns a todas as autoras pelo ótimo trabalho!

Vitor Filippo é historiador e pesquisador de mitologia mesopotâmica, além de escritor de artigos sobre mitologia, de São Paulo-SP.

LIVRO: A Sombra de Dionísio AUTOR: Michel Maffesoli

POR LARISSA DIAS



Nem sempre é fácil abordar a temática do deus grego Dionísio, ainda mais com o subtítulo deste livro "Contribuição a uma sociologia da orgia". Porém, o sociólogo Michel Maffesoli publicou este livro em 2005, justamente para trazer um olhar da importância sociológica des-



ta divindade tão intrigante, que é Dionísio.

No livro o autor busca "fazer pensar" e isso ele traz claramente na Advertência inicial, onde ele preza por esta capacidade tão humana - o pensamento - e nos faz ir contra as teorias prontas e tirar deste apanhado de ideias as nossas próprias conclusões. Como admiro muito este tipo de obra, vou citar um trecho do livro aqui:

"A dança dos conceitos deveria incitar, aliás, à modéstia. Ao afirmar a primazia do "querer viver" social, este trabalho se insere numa atitude coletiva e a reconhece enquanto tal. Em uma época em que, com a ajuda da preguiça, a cultura só serve para ser consumida, não é preciso ter medo de partilhar um certo esforço, que permita a cada um o direito e a possibilidade de pensar por si mesmo" (MAFESSOLI, 2005, P.10)

E após nos lembrar desta luxúria que temos, de transformar a cultura em ideias, o autor inicia o livro tratando de temas interessantíssimos, como a questão do momento presente e a necessidade de vivê-lo de fato.

O autor analisa outros elementos como a questão do "divino social", onde explana sobre o arquétipo da grande mãe e o que ele representa quando falamos do coletivo.

Depois, ele aborda o tema da união cósmica, ou seja, aquilo que faz com que cada ser humano participe orgiasticamente da vida do outro, seja por uma "simpatia universal" ou por um ciclo de morte e vida.

Nos capítulos seguintes, o autor aborda a questão do orgasmo em si, do ponto de vista social, trazendo algumas contradições existentes, além de olhar para as repressões que os tabus sociais trazem para a alma humana.

Em meio a tudo isso, o autor traz a intensidade de Baco / Dionísio como um ponto de atenção no organismo social, que assim como a divindade, é fragmentada e multiplicada de forma indiscriminada por estar longe do aspecto sagrado.

Este é um livro intenso em suas 159 páginas recheadas de provocações sobre o pensamento do que representa Dionísio na nossa atual conjuntura social.

APROVEITEM!

VITROLA DE ORFEU



ARTISTA: Mermages

POR SEREIA LUTHIEN

Esta saga musical tem início em 2018, durante a décima edição do Encontro Folk, que ocorreu no Parque da Água Branca.

Em determinado momento, um bardo, um viking e uma sereia começaram a tocar música juntos, e o resultado foi incrível, apesar de os três estarem se conhecendo naquele exato momento. A química musical foi instantânea, e foi então que a magia começou a ganhar vida!

Quando os três músicos, de forma jocosa, falaram sobre formar uma banda, a brincadeira acabou sendo levada a sério. Um pirata, que também estava no evento, foi convidado a se juntar ao inusitado grupo, aceitando prontamente o convite. E assim nascia a banda Mermages, que mais tarde teve a honra de receber um viajante do tempo ao conjunto.

MEMBROS:

Sereia Luthien: Voz, sopros, percussão (flauta doce, ocarina, tambor lakota, meia-lua, pau de chuva, snujs)



Ruanitto Almeida: Cordas e backing vocals (Bouzuki, violão, ukulele, lira)

Johnny Lande: Cordas e sopros (Bandolim, violão, bouzuki, escaleta)

Rami Naorek: Cordas e sopros (Violino, thin whistle, low whistle, piano)

EX-MEMBRO:

Demjurd Moonhail: Cordas, sopros e backing vocals (Violão, violino, flauta doce, ocarina). Atualmente, Demjurd atua na dupla musical Skaldduos, que segue a temática viking.

VITROLA DE ORFEU



INSPIRAÇÕES:

Com composições autorais em português e inglês, a banda Mermages segue uma temática de magia, fantasia, crenças, sentimentos e amor à natureza, tratando sobre preservação ambiental de forma lúdica. As composições têm inspirações em folclores diversos, o mundo ao nosso redor e até mesmo experiências próprias

dos músicos. A música Trilhas Noturnas, por exemplo, é inspirada numa lenda celta sobre sonhar com elfos. Conta-se que sonhar com estes elementais é uma dádiva concedida a poucos, e que os sonhos promovidos por tais criaturas são maravilhosos e até mesmo intuitivos. Cantar ou cantarolar uma canção antes de dormir facilita a aproximação dos elfos durante o sono. E foi associando a lenda às próprias experiências da compositora, Luthien criou esta canção para que fosse suavemente entoada antes de adormecer. É curioso notar como as composições da sereia tendem a seguir um tom melancólico, enquanto composições do viking Johnny Lande seguem um ritmo mais forte e agitado. Tal fato pode estar relacionado com os elementos que regem cada pessoa, o que influencia fortemente em sua personalidade. O elemento água está relacionado aos sentimentos e à introspecção; a terra, à força e racionalidade; o fogo, à energia e euforia; e o ar, à criatividade e devaneios. Canções como Bring The Rain e Brisa do Mar relatam sentimentos reais vividos pelos músicos; já Reino das

VITROLA DE ORFEU



Fadas e Land Of Shine contam histórias sobre universos fantásticos e personagens saídos diretamente da imaginação dos músicos, e que podem ser interpretados de diversas formas por cada ouvinte. Musicalmente falando, a banda se identifica como neo-folk. A musicalidade é inspirada no período medieval, nos povos celtas, nos guerreiros vikings, nos navegantes piratas, nos nômades ciganos e nas diversas ramificações que formam a cultura brasileira! Os instrumentos, todos acústicos, têm as mais variadas origens: de bouzuki irlandês a bandolim napolitano, de tambor nativo americano a pau de chuva chileno. E não somente de canções autorais são feitas as apresentações, mas também de músicas populares no meio folk. Canções ritualísticas, mantras, referências à cultura pop de filmes, séries e games e músicas de bandas já conceituadas no meio folk ou de nomes valorosos do cenário musical nacional podem ser ouvidas num show da banda Mermages. É comum que entre as canções autorais, o rumo do show “passeie” pelos mais diversos caminhos, tendo um set list

que varia desde a música-tema da série Game Of Thrones até Alceu Valença, passando por um mantra hindu, um ponto aos Orixás, um cover de Omnia, um louvor a Freyja, uma música de Clara Nunes, seguida de um cover de Faun e a canção tema do jogo Skyrim. Toda essa mistura cultural é o que torna a banda Mermages tão inusitada, e o que faz de cada apresentação uma experiência única!

ONDE ENCONTRAR A BANDA?

Sendo uma banda tão despadronizada, é normal se perguntar em que tipo de evento é possível assistir aos músicos ao vivo. De fato, o histórico de shows da Mermages é bem diversificado! A banda estreou nos palcos na tradicional casa de shows Manifesto Rock Bar, sendo a trilha sonora do primeiro evento medieval promovido no local. Após isso, os portais se abriram para uma variada gama de eventos, tais como duas edições da convenção geek Fantastic Fair, a tradicional Feira do Leste Europeu, a primeira edição d’A Festa Pagã no clássico Café Aurora, diversos eventos holísticos como



Jornada Mística e Witch Fest, ambos promovidos no renomado Clube Zodíaco de Santo André, Bazar das Bruxas do Bosque dos Gnomos e Encontro Místico e Esotérico, na conhecida Associação Osaka Naniwa Kai, Festa Cigana no Tênis Clube Paulista, Vernissage do consagrado artista plástico Henrique Vieira Filho, em sua mostra Projeto Re-Arte, a décima sexta edição da Convenção de Bruxas e Magos de Paranapiacaba, o maior evento holístico do Brasil, Festival Steampunk Santos no Museu Pelé, no litoral paulista, Expo Holística no espaço Premium Paulínia e Festival Místico de Ribeirão Preto, ambos no interior de São Paulo, primeiro Festival Medieval de Embu das Artes, no parque Francisco Rizzo, o maior do município, além do memorável Camp Celta, sediado no Raft Adventure Park, na cidade de Três Coroas, no Rio Grande do Sul. Em 2021, a banda também participou de seu primeiro evento online, o Encontro Alcoólico à Distância, que contou com a participação de diversas bandas do cenário folk de todo o Brasil e até mesmo a banda Irish Stew Of Sindiun, da Sérvia. A

banda Mermages é uma das atrações confirmadas no I Festival Medieval Para Ogros, cuja data será remanejada devido à pandemia da Covid-19.

OS “PERSONAGENS”

Qualquer um que veja um grupo tão temático reunido pode pensar que a banda é “fabricada”, que cada personagem foi propositalmente desenvolvido para a banda. Mas a verdade é que cada um dos músicos é apenas si mesmo, usando as roupas que gosta, fazendo as músicas que curte, seguindo o estilo de vida que lhe agrada. Foi através da expressão de seus gostos pessoais que os músicos se identificaram, entrando naturalmente na sintonia criativa que levou à existência da banda. Tudo aconteceu de forma fluida e despretensiosa, e é esse sentimento de leveza que emana dos músicos e envolve o público numa aura musical divertida, lúdica, inspiradora e emocionante!

***Pirata Ruanitto** (Rafael Gomes) – Adepto do estilo pirata urbano, é integrante da Aliança Pirata, o maior grupo representante da pirataria ur-

VITROLA DE ORFEU



ba na no Brasil, onde realizam ações e campanhas sociais, além de eventos temáticos. Ruanitto é ex-integrante da banda Eldhrimnir, e suas maiores influências musicais são O Bardo e o Banjo, Tunas Celtic Band, Alceu Valença, Thuata de Dannan, Raul Seixas, música folclórica irlandesa e canções tradicionais piratas.

***Viking Johnny Lande** (Eduardo de Oliveira) – Johnny nunca se esforçou para ser um “viking”. Talvez a altura, a barba e os longos cabelos naturalmente loiros e o gosto por heavy metal tenham contribuído para a construção desta imagem no imaginário coletivo. Johnny nunca afirmou ser um viking; este título veio naturalmente das pessoas ao redor! Além da Mermages, o músico atua também nas bandas Sujera, Podrectomy e é ex-membro da Eleven Strings, e é ex-membro da banda Haunter. Suas influências musicais são as mais diversas, sendo definidas pelo próprio como uma “enciclopédia ambulante do metal”.

***Sereia Luthien** (Camila Postal) – Assídua praticante do sereismo, a cantora tem no movimento seu estilo de vida. Formada em biologia, sempre

encontra uma brecha para falar sobre a importância da preservação ambiental onde quer que esteja. Mas é através da música que se sente livre para dar asas à imaginação e expressar seus sentimentos. Fã de metal, já integrou as bandas Klamor, Vulto Abissal e Eden Seed. Suas maiores inspirações musicais são Doro Pesch, Dio, Blind Guardian, Lana Del Rey, Shaman, Blackmore’s Night, entre outros.

***Viajante Naorek** (Francisco Xavier) – Naorek segue um estilo mais inspirado no steampunk, mas também é apreciador de outras vertentes do folk, de onde tira inspiração para montar seu estilo único. Talentoso multi-instrumentista, o músico é autodidata e conta com uma coleção de diversos instrumentos musicais pouco conhecidos. Ex-membro da banda Eldhrimnir, suas principais influências musicais são Yann Tiersen, Flogging Molly, música barroca, jam sessions irlandesas e música celta em geral.

VITROLA DE ORFEU



SOCIAL MEDIA

INSTAGRAM:
@MERMAGES

FACEBOOK:
MERMAGES ACOUSTIC FOLK

YOUTUBE:
MERMAGES ACOUSTIC FOLK

SPOTIFY:
MERMAGES

DEEZER:
MERMAGES

CONTRATE A BANDA PARA SEU
EVENTO:
BANDAMERMAGES@GMAIL.COM
(11)959478642 / (11)987271298





ARTISTA: Drahtkar

MÍDIA: Across the Wasteland

POR LUIS RIBEIRO - HELL YEAH!

A busca por respostas sem legitimação científica é um dos pilares primordiais para o advento da mitologia na maior parte das culturas, fazendo-se imprescindível o estudo dos mitos, lendas, narrativas e rituais com que os povos antigos reverenciavam a figura de deuses e heróis para um entendimento sobre como determinado povo enxergava o mundo e no que eles acreditavam. Hoje, com a evolução da ciência e com o êxodo populacional em direção às cidades, a identificação de novos mitos acaba ficando, de certa forma, restrita a comunidades mais isoladas e com menos acesso à informação e, talvez por esse motivo, com maior emprego da criatividade. Mas nem por isso a mitologia perdeu força em nossa cultura, sendo cada vez mais amplamente difundida através do cinema, da literatura e até mesmo da música.

No Heavy Metal, as vertentes mais melódicas, constituídas especialmente pelo Folk, Power e Melodic Metal, sempre deram muita visibilidade e superminência para temas de cunho



histórico, fantasioso e mitológico, o que harmoniza absolutamente bem a seus arranjos épicos e grandiosos que discorrem sobre jornadas epopeicas de heróis e guerreiros, de anjos e demônios, de deuses e criaturas lendárias.

No Brasil, as bandas, motivadas especialmente pelo alcance do Angra, buscaram seguir uma proposta similar, imprimindo a partir dessa influência as suas próprias características, o que permitiu que algumas delas saíssem da sombra de bandas mais populares, trilhando novos caminhos, e explorando novos temas e abordagens.

VITROLA DE ORFEU



A Drahtkar, da capital Rio Grande do Sul, Porto Alegre, vem tornando-se um desses expoentes no que tange a originalidade e a qualidade de sua obra, com sua obra iniciada a partir do magistral "Across the Wasteland", que virou fonte de horas de pesquisas acerca dos assuntos profundos e interessantíssimos que suas letras abordam.

Ao apresentar o trabalho da Drahtkar para nossa anfitriã, Larissa Dias, imediatamente fui surpreendido por uma mensagem que dizia: "Eles já me conquistaram musicalmente desde a introdução. E o nome dela não poderia ter me chamado mais a atenção. "Garuda" é uma figura mitológica presente nos mitos do hinduísmo. Você certamente precisará falar sobre eles em nossas páginas". E cá estamos nós para mergulhar nos mistérios de "Across the Wastelands", o álbum de estreia da Drahtkar. Devo adiantar que o texto que segue baseia-se completamente nas minhas próprias impressões acerca dos temas desenvolvidos pela banda e não refletem necessariamente a realidade da mensagem original. Parafraseando Stephen King, quando colocamos uma

obra artística no mundo, a interpretação dela passa a ser de cada pessoa que ela atingir. De uma maneira geral, as letras manifestam de maneira aberta e abrangente sobre temas épicos e encorajadores, através de cenários fantásticos, sobre feitos homéricos, mas a imensidão da proposta permite inúmeras descobertas míticas.

O canto da águia que rasga os céus, nos conduz absortos imediatamente para dentro da obra da Drahtkar, que rompe jubilosa através da deslumbrante introdução do álbum, a já citada "Garuda". Garuda é uma figura mitológica do hinduísmo, conhecida como inimiga das serpentes ou destruidora de serpentes, originalmente uma águia ou uma forma antropomórfica de águia, um pássaro solar flamejante como o fogo, tida como a montaria do deus Vishnu. Segundo a mitologia, certo dia a mãe de Garuda e a mãe das Nagas apostaram qual seria a cor do cavalo divino que estava saindo do oceano e quem perdesse se tornaria prisioneira da outra. Tendo a mãe de Garuda per-

VITROLA DE ORFEU



dido, Garuda foi até as Nagas e recebeu uma proposta para libertar sua mãe. Ela teria que roubar e entregar para eles a água da imortalidade dos deuses, guardada em uma montanha sob grande vigilância. Garuda voou até a montanha e após enfrentar um exército de deuses e dois dragões que guardavam a água, conseguiu libertar sua mãe, mas a água por ela conquistada foi posteriormente recuperada pelos deuses.

“Force of Nature”, como seu próprio nome sugere, é uma ode às forças da natureza e seus protetores, representadas aqui pela figura dos sábios anciãos e dos antigos druidas, que pregavam uma filosofia fundamentada nos princípios do amor e da sabedoria, da adoração a natureza e da busca do equilíbrio com ela e com os demais seres vivos.

“Corra por entre as árvores, siga o caminho feito pelos anciões, os antigos druidas (...) A fúria dos ventos, o chamado da selva; Honre os antigos lutando pela liberdade para sempre” - Force of Nature.

Diminuir um indivíduo à condição análoga à de um escravo, submetendo-a a trabalhos forçados, sujeitan-

do-a a condições humilhantes ou oprimindo suas crenças e culturas, é a abordagem fundamental de “Uprising”, que nos lembra da importância do livre arbítrio e do poder que cada indivíduo tem de escolher suas próprias ações, mas também nos reserva um poderoso alerta do quanto o ser humano pode se mover por vingança a partir de suas chagas.

Na mitologia, quando falamos em vingança, um dos nomes que vem imediatamente à mente é a de Nêmesis, deusa grega do destino, equilíbrio e vingança divina, títulos que fizeram-na ficar conhecida como “a inevitável”. A origem da palavra 'nêmesis' provém do grego antigo e o termo foi utilizado com o sentido de desdém ou indignação por Homero na Odisseia e por Aristóteles na Ethica Nicomachea com o significado de vingança e castigo por Heródoto. Em uma das versões do mito da progênie de Helena de Troia, Zeus sentia uma incontável paixão por Nêmesis devido à sua graciosidade e resolveu que iria possuir a deusa. Nêmesis evitou a união com Zeus transformando-se em uma gansa, mas o deus

VITROLA DE ORFEU



transformou-a em um cisne e eles uniram-se assim. A gansa pôs um ovo e o abandonou. Alguns pastores encontraram o ovo e entregaram-no a Leda, rainha de Esparta para chocá-lo junto aos ovos próprios dela. Do ovo posto por Nêmesis nasceu Helena de Esparta.

Outra conhecida vítima da punição de Nêmesis foi Narciso, que demasiado satisfeito com sua própria beleza, menosprezou o amor de várias jovens, que suplicaram vingança a Nêmesis, que as ouviu. Nêmesis causou um forte calor sobre a terra e após uma caçada, Narciso debruçou-se sobre uma fonte para matar a sede. Nela viu o seu lindo rosto e, completamente apaixonado por sua própria beleza, definhou até a morte em busca do amor impossível.

“Fomos capturados para servir seus senhores; Um jogo entre senhores e escravos; Condenado ao trabalho motivado por seus chicotes e correntes. Longe de nossas casas, longe da sanidade; Obrigados a acreditar em sua divindade; Nossas cicatrizes estão queimando, Desperdiçando nossas vidas em vão; Eles desempenharam o papel de nossos governantes; Logo eles

provarão retribuição; Ouse acreditar em nossas forças; Preferimos morrer com nosso orgulho vivo” - Uprising.

“Necromancer” aborda o uso de rituais de passagem pós-morte de faraós e nobres egípcios. Junto aos seus túmulos eram deixados um conjunto de papiros designados posteriormente pelos historiadores como o Livro dos Mortos. Esses documentos continham feitiços, fórmulas mágicas, orações, hinos e rituais para auxiliar no pós-vida dessas figuras importantes. Permeada de mistérios envolvendo suas figuras e deuses mitológicos, a religiosidade egípcia sempre foi alvo de estudos de ocultistas e entusiastas. A ideia principal do Livro dos Mortos diz respeito à verdade e à justiça, revelando o elevado ideal da sociedade egípcia. Era crença geral que diante da deusa Maat de nada valeriam as riquezas e fortunas acumuladas, nem a posição social do defunto, mas que apenas seus atos em vida seriam levados em consideração. Foi precisamente no Egito que essa perspectiva de que a sorte dos mortos dependia do valor de sua conduta moral enquanto vivo ocorreu pela primeira vez na história ociden-

VITROLA DE ORFEU



tal, dado que entre os habitantes do Vale do Rio Indo já haviam as noções de Karma e Dharma, ações que resultariam numa reação nesta e em outras vidas.

Nesta composição é descrito um episódio fantasioso onde um feiticeiro encontra um exemplar deste Livro dos Mortos e acaba despertando o domínio sobre o pós-vida. A música traz referências à cultura ancestral do Egito já em seu início, onde apresenta um coro que remete a sonoridade da língua egípcia e o som das areias do deserto.

“Eu estava procurando por respostas; Procurando pela origem da vida, por conhecimento para trazer de volta os mortos; Encontrei um livro no deserto; Mas seu ritual exige sacrifícios” - Necromancer.

As perspectivas conceituais da obra da Drahtar ainda permitem inúmeras interpretações na linhagem mítica que talvez sequer fossem a proposta original da banda, mas que fazem-se onipresentes a partir do legado de mitos e lendas passados de geração

em geração, muitas vezes percebidos indiretamente através da tradição clássica da literatura e do cinema, que mais recentemente ganharam mais forças na primeira arte.

Viajar “Across the Wasteland” é se transportar através de um mundo de imaginação, rico em detalhes e que, posto sob diferentes óticas e interpretações, apresenta nuances ainda mais grandiosas e profundas. Se permita mergulhar através deste trabalho magistral e descubra um novo sentido em cada palavra, todas pensadas com seu propósito individual de não soarem genéricas em um tempo onde a arte torna-se cada vez mais rasa e carece do poder avassalador e imaginativo da mitologia para entender conceitos, ideias e filosofias criadas desde os tempos imemoriais. “Across the Wasteland” é um convite, tal qual a mitologia, a se desconectar da realidade e conectar-se a um mundo dentro de cada um de nós, um mundo inexplorado e cheio de significância e desígnio.

“Quando dois caminhos colidem, duas realidades coexistem; Tudo o que sabíamos está fadado a mudar em um instante; Um novo mundo se abre para

VITROLA DE ORFEU



quem se atreve a descobrir os meandros da jornada ainda não foram revelados; Mas os corações ansiosos daqueles que vagueiam sem medo pelo deserto podem encontrar um caminho, um novo lar". - Wasteland.

DRAHKTAR



SOCIAL MEDIA – DRAHKTAR

INSTAGRAM :

@DRAHKTARBAND

YOUTUBE :

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?
V=5GDL5NR5ZAA&FEATURE=YOUTU.BE](https://www.youtube.com/watch?v=5GDL5NR5ZAA&feature=youtu.be)

SOCIAL MEDIA – HEELYEAH MUSIC COMPANY :

INSTAGRAM :

@HELLYEAH_MUSIC

LINKTR.EE :

[HTTPS://LINKTR.EE/HELLYEAHMUSICC
OMPANY](https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany)

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



HISTÓRIA: A Curacanga CONTADOR: Luiz Júnior

Segundo a lenda, a Curacanga (ou Cumacanga) é sétima filha de uma mulher ou a concubina amaldiçoada de um padre. Nas noites solitárias do interior do Brasil, seu corpo fica em casa enquanto sua cabeça sai vagando a esmo, gritando e assombrando pessoas que vagam por aí, vagabundeando.

Muito comum no interior do Pará e do Maranhão, seu folclore une outras lendas do Brasil, como o do Lobisomem (sétimo filho homem de um sétimo filho homem) e, também, da Mula-sem-cabeça.

Dizem que, para que a sua identidade seja revelada, no momento em que uma pessoa cruzar com sua cabeça, deve lhe oferecer uma agulha virgem. Ela irá recusar, porém, no outro dia, seu corpo inteiro – agora com a cabeça – não resistirá à tentação de buscar a agulha em sua casa.

Segundo a lenda, a única forma de afastar a maldição é fazer com que a sexta filha seja a madrinha da sétima, batizando-a em uma Igreja Católica.

Este folclore é associado ao fogo-fátuo, comum na região amazônica –

uma espécie de fogo que sai do solo e se desloca em alta velocidade – mas, também, é associado aos mitos relacionados ao Fogo.

“Mas eles não poderiam ter cantado vitória antes da hora. No instante em que Valéria gritou, a bola de fogo girou lentamente. E, neste momento, todos os quatro sentiram um arrepio percorrer pelos seus corpos. O que estava suspensa no ar não era somente uma combustão de elementos químicos. E, também, não era uma sonda extraterrestre. Nem uma coisa nem outra. O que estava ali, à frente de cientistas e ufólogos, nada mais era que uma cabeça com cabelos de fogo, com olhos, boca, nariz, dentes, e uma risada muito, mas muito maquiavélica. Neste momento, o cético cientista Martins mandou às favas qualquer dilema sobre o decoro científico. – Valei-me, São Cipriano! Corre que o bicho quer pegar a gente! E saíram todos em carreira desabalada.

A Curacanga revoava sobre eles, gargalhando, uivando e zumbindo, rincheteando nas árvores e pairando a milímetros dos pescoços de cada um, a um ponto de dar uma dentada e acabar com tudo. Ela passava por sobre todos e pairava à frente, fazendo com que o

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



grupo desse meia-volta, correndo como baratas tontas na mata escura. Repentinamente, porém, ela desapareceu.

Os quatro caíram ao chão, totalmente exaustos. Incrédulos, aos poucos recobram as forças. Levantaram-se e logo identificaram a trilha. Em instantes, estavam desmontando o acampamento. Ninguém falava com ninguém. Sequer olhavam um para o outro. Colocaram todo o equipamento na velha Kombi. Juarez assumiu a direção. Todos ocuparam seus lugares, mudos. Rafaela olhou para Martins. Ele estava com a GoPro nas mãos. Parecia ter havido um acordo tácito entre os quatro. Martins apenas meneou a cabeça, tirou o cartão da filmadora e o quebrou em dois, lançando-os pela janela da Kombi. Eles sabiam. Mesmo com a gravação, seriam ridicularizados no meio acadêmico.

Aquela experiência, para eles, havia bastado.”

Gostou?

ESTE E OUTROS CONTOS ESTÃO NA COLETÂNEA CORPO SECO E OUTRAS HISTÓRIAS, DISPONÍVEL EM E-BOOK NA WWW.AMAZON.COM.BR.



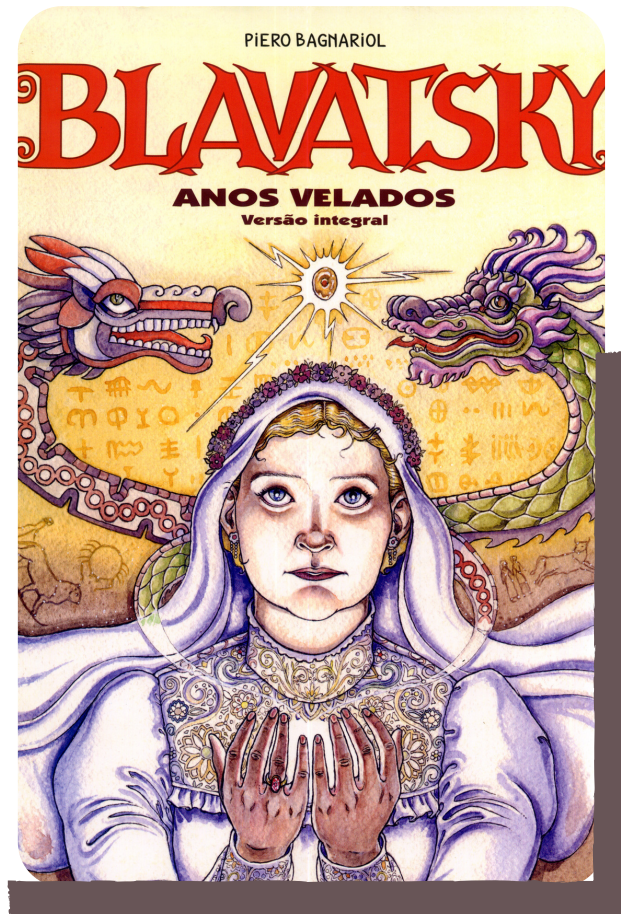
HQ: Blavatsky - Anos Velados

AUTOR: Piero Bagnariol

POR PIERO BAGNARIOL E LARISSA DIAS

“Blavatsky, Anos Velados” é uma HQ belíssima e única, que traz a vida da escritora, viajante e esoterista russa Helena Blavatsky, de modo a apresentar ao leitor a sua trajetória no caminho da busca incessante de conhecimento que a fez ser quem ela foi: uma incansável desbravadora dos caminhos da verdade humana e divina.

A HQ é baseada nas obras biográficas de Blavatsky e em seus livros, porém, é uma obra de ficção criada pelo quadrinista italiano radicado no Brasil, Piero Bagnariol, para trazer toda a mística, o mistério e a coragem que eram tão fortes em Helena. Por trazer elementos da mitologia com os quais Helena se deparou em seus caminhos, convidamos o autor a mostrar para nós um pouco da mitologia que consta na HQ, para que o leitor conheça e se encante com essa história envolvente, emocionante, misteriosa e completamente repleta da magia que move uma alma em



busca do seu significado!

Na HQ uma das personagens que aparecem é a rusalka, um ser intrigante da mitologia eslava. Convidamos agora o leitor a conhecer um pouco mais sobre ela...

Rusalka

Quando criança, Helena Blavatsky ficou amiga de uma rusalka que vivia num velho sálce à beira do rio Dniepr. Entidade característica do



folclore eslavo, a rusalka é uma ondina, uma ninfa das águas doces com traços um tanto sombrios, que pode ser identificada com as sereias gregas. Ela guarda também uma estreita relação com as árvores, que são objeto de um culto particular entre os povos eslavos no contexto do animismo, principalmente o carvalho, a bétula e o freixo. Diversos contos da tradição oral atestam que os primeiros homens foram criados das árvores. Ao mesmo tempo, como lembra J. L. Borges no Livro dos seres imaginários, os antigos, a diferença de Paracelso, faziam distinções entre ninfas das águas e ninfas dos bosques. As últimas são conhecidas como hamadriades, moram invisíveis entre as árvores às quais se conectam de forma tão visceral que acabam vivendo e morrendo com eles, distinguindo-se assim das dríades imortais.

No seu livro falando sobre o feminino nos mitos eslavos, Hubbs traz a imagem das rusalkas como donzelas reguladoras dos ciclos de fertilidade dos humanos e dos animais. No seu aspecto de sereia, ela surge para trazer a tona a imagem da

deusa mãe como serpente, aquela que traz o contato direto com o mundo ctônico, com as profundezas do centro da terra. Nesta forma, de rusalka-sereia, ela era tida como uma das mais antigas divindades de formas múltiplas que compõe os poderes fertilizantes do clã das mães do paleolítico. As rusalki aparecem normalmente em grupo, como um grupo de garotas ou às vezes, como uma donzela amável. Em alguns momentos da HQ é exatamente assim que ela surge: um ser doce e amável até conseguir o que ela realmente deseja.

Temos poucas informações, todas indiretas, sobre os cultos originais dos povos eslavos, mas é possível identificar nelas o percurso de formação da tradição das rusalkas. O culto primitivo dos antepassados era centrado no *rod* – termo que indica tanto a família quanto o nascimento, e na *rožanica* – palavra empregada para indicar ao mesmo tempo a mãe, a genealogia e a sorte. Mais tarde, esse culto dos *mani* (antepassados) evoluiu para o animismo, com entidades coletivas que aos poucos originam figuras folclóricas como vampiros e *beregyni* - espíritos femininos



localizados a beira da água (beregus quer dizer precipício, beira do abismo) que estariam à origem das rusalki, ou almas dos mortos, em particular os que tiveram uma morte violenta. Estas entidades se colocam ao lado de outros elementais como os *domovoi*, gênios que tutelam as casas, os *lešii* dos bosques e os *dvorniki* dos quintais.

Além do folclore, as rusalkas povoam grande parte da literatura tradicional eslava. A ópera *Rusalka*, de Alexander Dargomyzhsky conta que numa curva lenta do rio Dniepr, numa área pouco profunda, viviam as rusalkas. Estas saíam à noite para cantar e pentear seus cabelos esverdeados. Ali perto morava um moleiro cuja filha, certo dia, se apaixonou por um príncipe. Abandonada por ele, a jovem se joga no rio e se torna uma rusalka. Mais tarde o príncipe, arrependido, volta à beira do rio para procurá-la, mas acaba tragado pelas águas. A peça chegou a ser adaptada por Aleksandr Pushkin, mas ficou inacabada.

Na história outros personagens que aparecem na mitologia do mundo também surgem, como o dragão, um dos motivos principais da busca in-

cessante de Helena; Ahura Mazda, divindade do zoroastrismo, na história cultuado pelos Yazidi, uma minoria muito perseguida até hoje; divindades da mitologia egípcia como os deuses Ptah e Taweret e podemos dizer que muitas outras, escondidas dentro de inúmeras ilustrações e símbolos que carregam um significado que só descobriremos após apreciarmos cada imagem muitas e muitas vezes.

Para finalizarmos, convidamos o leitor a adquirir essa brilhante obra e navegar sem medo nas suas 103 páginas, pois como Blavatsky dizia: "*A mais importante de todas as obras é o exemplo da própria vida!*"

Lembramos também que, em breve, a Editora Peirópolis irá publicar "O diário de Olcott", continuação da biofantasia de H.P. Blavatsky num episódio que abrange os anos passados nos EUA e que tem como pano de fundo o movimento espírita da década de 1870, o neorosicrucianismo, a escrita do primeiro livro de Blavatsky, "Ísis Sem Véu" e, naturalmente, a fundação da Sociedade Teosófica, segundo o relato de H. S. Olcott, o principal parceiro e discípulo de HPB.



REFERÊNCIAS

- BOYER, Régis. Slavi. Miti, riti e divinità. Em: Bonnefoy, Yves. Dizionario delle mitologie e delle religioni. Vol. 3. Milano: RCS, 1989. Pag. 1661 e ss.
- HUBBS, Joanna. Mother Russia: The Feminine Myth in Russian Culture. Indiana: Indiana University Press, 1993.
- SINNETT, Alfred P. A vida de Helena Blavatsky. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. Pag. 20.
- VISINONI, Alessandra. Amadriade russa. L'interrelazione tra albero e uomo. Em: Elephant Castle - laboratorio dell' immaginario. Disponível em www.unibg.it/cav-elephantandcastle. Acesso em 05/11/2021

TRABALHOS DE PIERO

BLAVATSKY: ANOS VELADOS

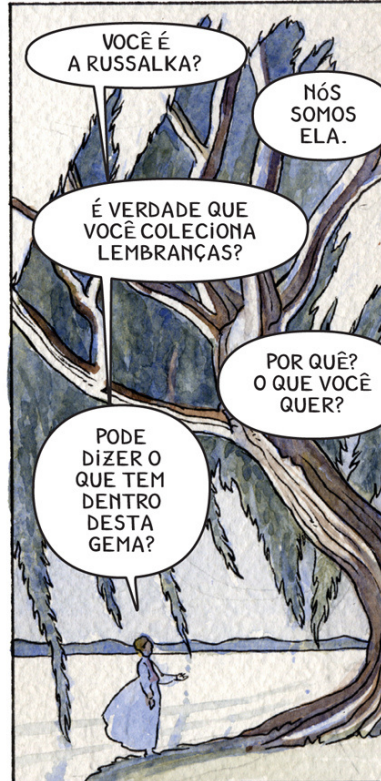
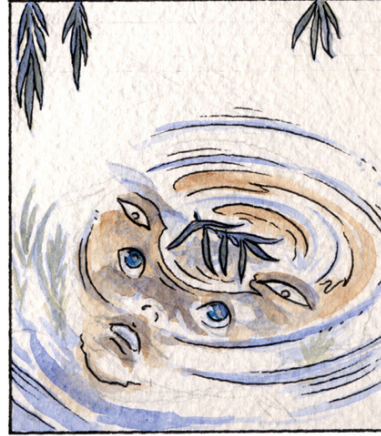
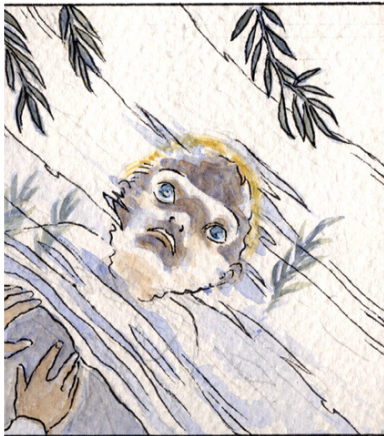
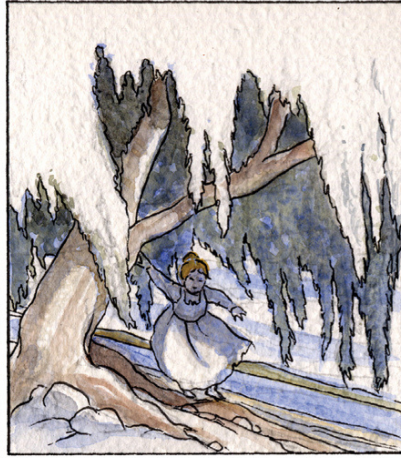
ODISSEIA EM QUADRINHOS

DIVINA COMÉDIA EM QUADRINHOS

ORESTES EM QUADRINHOS

INSTAGRAM: @PIERO3.14

ARQUIVOS DE LOKI



VOCÊ É A RUSSALKA?

NÓS SOMOS ELA.

É VERDADE QUE VOCÊ COLECIONA LEMBRANÇAS?

POR QUÊ? O QUE VOCÊ QUER?

PODE DIZER O QUE TEM DENTRO DESTA GEMA?

RUSSALKA: NINFA DAS ÁGUAS NO FOLCLORE RUSSO.

ARQUIVOS DE LOKI



AH, UM ÂMBAR COM UM HÓSPEDE SINGULAR! POSSO, SIM, MAS EM TROCA QUERO FICAR COM UMA LEMBRANÇA DESTA GEMA.

COMO ASSIM?

QUANDO VOCÊ SEGURA A GEMA, COMPARTILHA SUAS LEMBRANÇAS COM ELA. QUERO UMA MEMÓRIA DA QUAL SÓ EU VOU LEMBRAR.



PODE SER UMA... UH, LEMBRANÇA DE ONTEM?



FEITO.



HÁ MUITO TEMPO NO CÉU HOVE UMA GUERRA ENTRE DRAGÕES. ENTÃO UMA TEMPESTADE DE FOGO CAIU SOBRE A TERRA E NO MEIO DELA UMA PEDRA DE RAIO...

... UM FRAGMENTO DA COROA DE UM DOS DRAGÕES, QUE FICOU CRAVADO EM UMA ÁRVORE CUJA RESINA ENVOLVEU A PEDRA.

E COM O TEMPO AQUELA PEDRA TORNOU-SE ESSA GEMA.

DESDE ENTÃO O DRAGÃO CAMINHA PELA TERRA DISFARÇADO DE HOMEM E PROCURA A PEDRA PARA CONSEGUIR VOLTAR PARA O CÉU.



UMA GRANDE RECOMPENSA ESPERA QUEM DEVOLVER A PEDRA AO DRAGÃO, MAS ELA SERÁ UM FARDO PARA QUEM A CARRREGAR.



ALÉM DISSO, A GEMA TEM PODERES.

QUE PODERES?



DE VER E CONVERSAR COM OS MORTOS.

ARQUIVOS DE LOKI



AH, FINALMENTE! TODO MUNDO ESTÁ À SUA PROCURA.



O QUE ESTÁ FAZENDO? FALANDO SOZINHA?

NÃO. ESTOU CONVERSANDO COM MINHA AMIGA, A RUSSALKA. NÃO CONSEGUE VÊ-LA?



SEI, DO MESMO JEITO QUE CONVERSOU COM A RÃ...



PARE JÁ COM ISSO, OU...

OU O QUÊ? A RUSSALKA VAI ME COMER?



NÃO! ELA VAI TE FAZER CÔCEGAS...

ATÉ VOCÊ SUFOCAR!



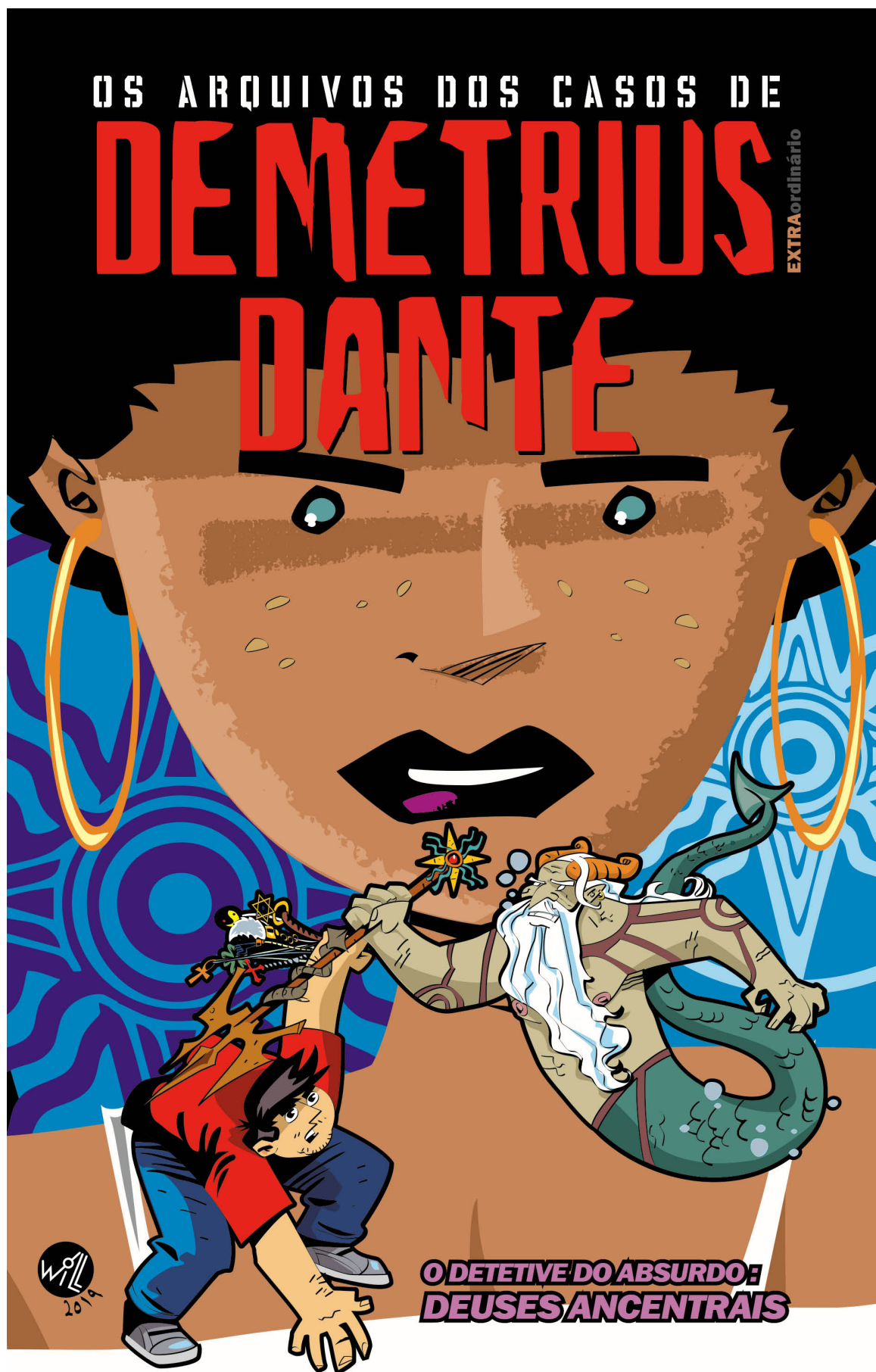
UMA LEMBRANÇA DE ONTEM... MAS QUE ATREVIDA!



A PEDRA NÃO ESTAVA COM VOCÊ ONTEM, ESTAVA?



ACHO QUE VOU PEGAR MINHA LEMBRANÇA!



OS ARQUIVOS DOS CASOS DE

DEMETRIUS

EXTRAordinário

DANTE

WILL
2014

O DETETIVE DO ABSURDO:
DEUSES ANCENTRAIS

A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE





OS ARQUIVOS DOS CASOS DE

DEMETRIUS DANTE

Mônica Lan
André Freitas
Will

ALBUM DE FANÓLIA

will 20 20

A NONA ÁRVORE



Seu coração é puro. Você tem poderes e habilidades que ainda desconhece.

Confie. Principalmente em si e nas suas percepções apuradas. Você é um nato **DECIFRADOR DE ENIGMAS**.

ISSO É VERDADE! ADORO DECIFRAR OS MAIS VARIADOS TIPOS...

Agora um ensinamento importante: ao passar pelos portais você precisa sair exatamente pelo mesmo em que entrou.

Caso contrário, poderá ficar vagando, perdido entre dimensões...

COMO ASSIM?

E além disso, se concordar com a missão, terá nossa ajuda e com certeza de outras pessoas também...

Vamos inspirá-lo.

Em toda entrada multidimensional há marcas indicativas. Repare... Aquele triângulo invertido com um traço é o símbolo que representa o mundo em que você vive agora. Toque-o antes de pular o muro novamente.

Quando quiser nos encontrar, procure por esse outro símbolo, toque-o e se conectará conosco. Imagine isso, como se fosse uma campainha que você pressiona antes de entrar.

SAQUEI! MAS, ENTÃO, COMO EU ENTREI AQUI, SEM SABER DISSO?



OS ARQUIVOS DOS CASOS DE

DEMETRIUS DANTE

VOLUME 3

Will



Will
2019

O DETETIVE DO ABSURDO: AS SETE VIDAS DA GATA

A NONA ÁRVORE





OS ARQUIVOS DOS CASOS DE

DEMETRIUS

VOLUME 2

Will
Ana Recalde
Cadu Simões
Mônica Lan

DANTE



O DETETIVE DO ABSURDO ESTÁ DE VOLTA!!!

A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



WILL - OS ARQUIVOS DOS CASOS DE DEMETRIUS DANTE



POR LARISSA DIAS

Conheci por acaso os quadrinhos do Will e me deparei com este personagem enigmático chamado Demetrius Dante, que para os íntimos é chamado de “DD”. Como me considero íntima após ler suas histórias e me envolver com elas, acho que já posso chamá-lo assim também!

Da mesma forma que DD faz em seus casos, eu sempre gosto de reparar no significado simbólicos das coisas que acontecem na minha vida: eu tenho um grande amigo peruano chamado Dante Demetrius. Quando recebi estas HQs foi que reparei nesta sincronicidade mágica, que eu adoro, principalmente com nomes!

As histórias de DD são ambientadas na cidade de São Paulo e trazem locais históricos como o Casarão da Paulista, O Teatro Municipal de São Paulo, a Praça da Sé e o Edifício Joelma, passando ao leitor que mora na cidade uma familiaridade fascinante e aos demais, uma forma de

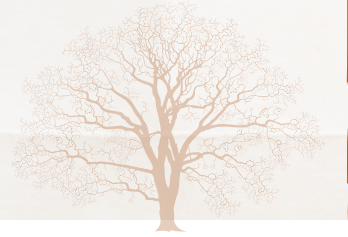
conhecer a importância destes locais, quase que sagrados no imaginário paulistano.

Em “Amor Engarrafado”, com argumento de Omar Viñole e roteiro do próprio Will, DD investiga o envolvimento de Sophia, uma grande amiga, com um antigo deus sumério. De forma muito divertida, tive a leve impressão que o encanto da história trazia os mistérios tão presentes nos complexos paternos (não tem jeito, o meu trabalho é lidar com essas histórias todos os dias...). A forma como a história é representada é um jeito absurdamente leve de olhar para a questão.

As divindades que aparecem nesta HQ trazem à tona a mitologia da antiga Suméria, com Enki, deus das águas doces e do céu e, Ninhursag-Ki, a deusa da terra. Outros símbolos também aparecem na HQ de forma tão envolvente que aprendemos facilmente sobre eles nas páginas, sempre sob o direcionamento sagaz de Demetrius Dante!

A última edição lançada em agosto de 2021, tem o título “Álbum de Família” e traz vários personagens que compõe o universo de Demetrius Dante. Foi muito interessante conhecer a personagem Calisto e os outros,

A NONA ÁRVORE



mas a história “A Árvore Anciã”, de autoria de Mônica Lan, me emocionou do começo ao fim pela forma como trouxe os seres elementais, que aparecem tanto na mitologia celta, no papel de fadas e duendes, como os seres sagrados como os espíritos dos bosques, das árvores, dos rios, etc., além de mostrar a sua importância de manutenção e proteção da vida humana. Afinal de contas, os elementais podem ser vistos como as forças que habitam a nossa própria psique, mas em um estado digamos, mais natural. Existe uma beleza na estrutura das imagens criadas para esses seres quando em contraste com a cidade, que é tão feita de concreto e pedras. A história traz de uma forma bela como essa interação não só é possível, mas também necessária.

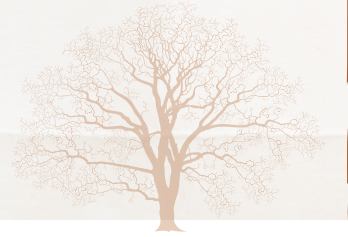
A HQ “Dádiva das Musas”, escrita por Cadu Simões, mostra a história do personagem Homero “o próprio”. Ele é um senhor que possui um sebo chamado Odisseia, localizado na Praça da Sé, onde DD faz suas pesquisas, encontra livros antigos raros e até mesmo objetos mitológicos. Para quem não sabe, o poeta clássico Homero escreveu, entre outras obras “A Odisseia”, um clássico da mitologia grega que conta a epopeia da vida do herói Odisseu.

Na HQ este personagem é cego e é inspirado pelas próprias “Nove Musas” gregas e vê o mundo através de suas artes, em uma metáfora belíssima de que, quando conseguimos fechar os olhos para o externo (para aquelas coisas que na verdade não tem a menor importância, mas que acabam desviando-nos do nosso caminho se damos atenção demais à elas), conseguimos ver o mundo pelas incríveis artes como a poesia, a escrita, a astronomia, a música, o teatro, entre outras! Achei de uma sensibilidade sutil que boa parte dos recursos que Demetrius Dante usa para resolver seus casos venha justamente deste personagem incrivelmente sábio e acolhedor!

Já a HQ “As Setes Vidas da Gata”, esta escrita pelo próprio Will, apresenta uma personagem incrível: a sensual rainha Hatshepsut, aqui, como uma gata que vive no apartamento de Demetrius Dante. Na história ainda aparecem personagens como o deus dos embalsamadores, o chacal Anúbis! O mais interessante é como vamos nos envolvendo nos casos de DD, tomando lados, tentando descobrir e salvar as personagens ao mesmo tempo.

A HQ “13 Fantasmas”, de autoria de Alex Mir, se passa no Edifício Praça

A NONA ÁRVORE



da Bandeira, antigamente conhecido como Edifício Joelma, famoso pelo incêndio ocorrido em 1974. Muitas lendas trazem o número 13 como um número macabro e junto com a tragédia do incêndio, que muitos se lembram, a história ganha vida com mistérios mais antigos que a própria construção do edifício, envolvendo uma ameaça de morte à uma amiga do DD.

Em resumo, as cinco revistas das histórias de Demetrius Dante mostram como as histórias de mistério nos fascinam, principalmente as histórias ligadas ao sobrenatural e à mitologia. Elementos mitológicos sempre vão criar uma egrégora envolvente porque, como mostra DD, eles sempre estarão presentes dentro e fora de nós, estejam eles ligados à realidade do sagrado religioso ou as histórias ficcionais!

*** **NOTA DA EDITORA:** Fiz essas resenhas para o Will após ler a coleção completa. Achamos que ela ficou tão bacana e decidimos publicar na revista, como resenha para a Nona Árvore.

Will em 2004 enveredou pelo universo das Histórias em Quadrinhos, uma paixão antiga... Entre várias publicações, deu vida a um super-herói sideral e um detetive do absurdo. Prefere trabalhar em parceria (desenhista-roteirista). Participou de narrativas que o levaram a traçar um Louco (muito louco!), um Astronauta, um Grilo, um Samurai, um Orixá, uma Faraó egípcia, um famoso Capitão de submarino, um Empresário revolucionário, um Escritor visionário, um Escorpião prateado, espíritos errantes, deuses ancestrais... Suas viagens quadrinísticas lhe permitiram passear no tempo, no espaço, no fundo do mar, nos confins da Terra, no metrô de São Paulo e até pelos céus do Brasil imperial à bordo do Uirapuru.

SITES E PÁGINAS DO ARTISTA

<https://www.facebook.com/will.sideralman/>

https://www.behance.net/will_sideralman

Link para a loja:

https://www.monicalan.com.br/banca_de_gibis_do_Will.pdf



**cursos,
palestras,
eventos...**

JAN_2022

Formação em Astrologia

Uma formação ética, que te ajudará a auxiliar ao próximo, respeitando as leis cósmicas!

- ✓ Aulas semanais
- ✓ Aulas individuais e personalizadas
- ✓ Aulas online
- ✓ Apostilado e com MUITOS exercícios
- ✓ 3 módulos
- ✓ Módulos de formação extracurricular: Sinastria, Horária, Mundial, Horóscopos
- ✓ Mitologia e Astrologia

Saiba mais com Luiz Junior

WhatsApp **11 98721-9413**

ACADEMIA DE QUÍRON



JAN 2022

**ESTÃO ABERTOS OS
PASSAPORTES PARA O CAMP
CELTA 2022!**

**O tão esperado momento
chegou e o link para compra
está no final da descrição.
Convida os amigos pra
ninguém ficar de fora!**

**Garanta seu Lote Promocional
com direito a Pulseira de Pano
e Copo Feira Medieval (retirada
no dia do evento)**

**Unidades Limitadas!
Corra e aproveite!**

**Link para compra:
[https://bit.ly/PassaportesCamp
Celta](https://bit.ly/PassaportesCampCelta)**





JAN_2022



Hidromel Bando Celta: <https://bit.ly/GarantaSeuHidromel>

**Bom
Proveito!**

PANTEÃO DE COLABORADORES



LARISSA DIAS

EDITORA, IDEALIZADORA E COLABORADORA DE ARTIGOS



Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método “Jornada Vocacional”, um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP. Autora dos Livros: "O Sopro de Vênus - Contos Eróticos-Mitológicos" e "A Música do Universo - Uma Jornada Mítica, Musical e Psicológica".

www.larissadiaspsi.com.br

larissa@larissadiaspsi.com.br

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO



Revisora de textos - Conteudista - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.

Instagram: [@fabia.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-mail: facaroli@yahoo.com.br

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/fábيا-carolina-lucas-3183011a2>

PANTEÃO DE COLABORADORES



ALLAN MARANTE

COLABORADOR DE ARTIGOS



Jornalista, pós graduado em comunicação institucional e desenvolvedor de soluções em TI. Tradutor de nórdico antigo e pesquisador de runologia, publicou obras que tornam os manuscritos escandinavos originais acessíveis para o público, abordando ritos, divindades nórdicas, inscrições rúnicas, poemas, hinos e demais elementos da cultura e espiritualidade nórdica. Suas obras são "Paganismo Nórdico no Século XXI", "Hávamál: As palavras de Sabedoria de Óðinn", "Ynglinga Saga: A História dos Deuses e Reis Nórdicos" e "Sabedoria das Runas: História, Arqueologia e Literatura". Fundador da iniciativa "Caminho Nórdico", que promove aulas, palestras e produz conteúdos históricos e religiosos sobre a prática do Forn Siðr, a religião nórdica antiga.

Facebook: <https://www.facebook.com/caminhonordico>

E-mail: allan.caminho@gmail.com

ADRIANA GONÇALVES DE FREITAS

COLABORADORA DE ARTIGOS



Nasceu em São Paulo, Zona Leste, é contadora de histórias e Professora de filosofia na rede estadual de São Paulo.

Cientista da Religião pelas Faculdades Integradas Claretiana de São Paulo e licenciada em Filosofia pela UNIFAI - Vila Mariana. Pós graduada em Educação pela PUC-SP e em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia analítica pela UNIP- Vergueiro. Trabalha com Contação de mitos, contos e histórias em suas aulas de filosofia e ama mitologia.

Criadora da página Café Filosófico, no Facebook, que aborda a filosofia por meio de contação de histórias e mitos para interessados no tema:

<https://www.facebook.com/groups/265668807998921/about>

E-mail: freitas2020agf@gmail.com

GABRIELA SABINA

COLABORADORA DE ARTIGOS



Paulista, atualmente morando em Almada (Portugal). Professora de Inglês formada pela Uniban, e de artes pela FAMOSP. Pós graduada em Arte Terapia pela UNESP e Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP. Desenvolve oficinas de desenvolvimento através da arte e dos mitos, especialmente voltadas para mulheres de todas as idades. É autora do livro ORÁCULO DA MULHER DEUSA, já brevemente lançado no Brasil.

E-mail: gabisabi@hotmail.com

Instagram: [@gabi.sabi](https://www.instagram.com/gabi.sabi) // Oprazerdereclamar.wordpress.com

Facebook: <https://www.facebook.com/gabriela.sabina>

PANTEÃO DE COLABORADORES



FERNANDA DE L. NEPOMUCENO DIAS
COLABORADORA DE ARTIGOS

Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Assunção - UNIFAI, moro na zona norte de São Paulo.

O artigo que escrevi para a revista foi uma adaptação do meu TCC, apresentado em 2019, cujo título é "Música como fonte de informação: a letra de 'Warrior Queen' como fonte para discussão do empoderamento feminino na biblioteca", música que é da banda Tuatha de Danann e que se encaixou perfeitamente com o tema proposto.

Amo bichos, ver filmes e séries, rock/metal, e livros, muitos livros, gosto de tudo um pouco, estou sempre me interessando por assuntos diferentes, sou daquelas que compra mais livros do que consegue ler.

E-mail: fesnpo.rock@gmail.com



LIZANDRA SILVEIRA
COLABORADORA DE ARTIGOS

Lizandra é brasileira, formada em História pela Universidade de Brasília, apaixonada por boas histórias, entre elas as das mitologias do mundo. Pós-graduada em Marketing e em História e Cultura no Brasil, é bancária e atualmente trabalha com a produção de material para redes sociais.

Email: lizandrasilveira@gmail.com [Medium.com/@lizandrasilveira](https://medium.com/@lizandrasilveira)

PANTEÃO DE COLABORADORES



VITOR FILIPPO COLABORADOR LITERÁRIO



Graduado em História pela FMU. No transcorrer do curso produzi uma iniciação científica com o seguinte tema “A Influência Cultural Mesopotâmica na Religião Judaico-Cristã”. O trabalho aborda e compara mitos babilônicos e sumérios com passagens bíblicas, principalmente o Pentateuco. A partir desse trabalho desenvolvi grande interesse no estudo voltado para o Oriente Próximo, mais especificamente para a Mesopotâmia Antiga. Também sou palestrante de mitologia do Instituto de Arteterapia de Guaratinguetá/SP (IAGUA). O principal mister da instituição são Atividades de práticas integrativas e complementares em saúde humana. Na minha pesquisa atual, estou desenvolvendo um estudo de uma suposta ascensão do deus babilônio Marduk ao topo do panteão durante a hegemonia da Segunda Dinastia de Isin, mais notadamente no decorrer do reinado de Nabucodonosor I (1125 – 1104 ac).

E-mail: vitorvfd@outlook.com

SEREIA LUTHIEN - MERMAGES COLABORADORA MUSICAL



Sereia Luthien (Camila Postal) – Assídua praticante do sereismo, a cantora tem no movimento seu estilo de vida. Formada em biologia, sempre encontra uma brecha para falar sobre a importância da preservação ambiental onde quer que esteja. Mas é através da música que se sente livre para dar asas à imaginação e expressar seus sentimentos. Fã de metal, já integrou as bandas Klamor, Vulto Abissal e Eden Seed. Suas maiores inspirações musicais são Doro Pesch, Dio, Blind Guardian, Lana Del Rey, Shaman, Blackmore's Night, entre outros.

E-mail: INSTAGRAM - @mermages
FACEBOOK – Mermages Acoustic Folk
YOUTUBE – Mermages Acoustic Folk
SPOTIFY – Mermages
DEEZER – Mermages

PANTEÃO DE COLABORADORES



PIERO BAGNARIOL COLABORADOR ARTÍSTICO



Piero Bagnariol nasceu na Itália e veio para o Brasil com vinte anos, em 1992. Quadrinista e grafiteiro, é um dos fundadores da revista Grafitti 76% quadrinhos, que edita desde 1995, e autor do álbum Um dia uma morte, com roteiro de Fabiano Barroso, e Guia ilustrado de graffiti e quadrinhos, com outros colaboradores. Em parceria com seu pai, o médico Giuseppe Bagnariol, grande conhecedor d'A Divina Comédia, abraçou o desafio de transpor a obra de Dante Alighieri para os quadrinhos, publicada em 2011 pela coleção Clássicos em HQ. Posteriormente, com Tereza Virgínia Barbosa, lançou-se na tradução por imagens diretamente do grego de obras clássicas, como a Odisseia, de Homero, que saiu mesma coleção. Recentemente, publicou Anos velados, biofantasia em quadrinhos sobre a primeira fase da vida de Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), e prepara para breve a quadrinização tragédia Orestes, de Eurípedes (408 a.C).

Instagram: @piero3.14

WILL COLABORADOR ARTÍSTICO



Em 2004 enveredou pelo universo das Histórias em Quadrinhos, uma paixão antiga... Entre várias publicações, deu vida a um super-herói sideral e um detetive do absurdo. Prefere trabalhar em parceria (desenhista-roteirista). Participou de narrativas que o levaram a traçar um Louco (muito louco!), um Astronauta, um Grilo, um Samurai, um Orixá, uma Faraó egípcia, um famoso Capitão de submarino, um Empresário revolucionário, um Escritor visionário, um Escorpião prateado, espíritos errantes, deuses ancestrais... Suas viagens quadrinísticas lhe permitiram passear no tempo, no espaço, no fundo do mar, nos confins da Terra, no metrô de São Paulo e até pelos céus do Brasil imperial à bordo do Uirapuru.

Facebook: <https://www.facebook.com/will.sideralman/>

Site: https://www.behance.net/will_sideralman

Link para a loja: https://www.monicalan.com.br/banca_de_gibis_do_Will.pdf

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIZ JÚNIOR COLABORADOR LITERÁRIO



Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduação em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia on-line. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemistérios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413



FURLAN DOURADO COLABORADOR ARTÍSTICO

Furlan de Oliveira Dourado, 37 anos, bacharel em Sistemas de Informação, especialista em Gestão Pública e em Docência Universitária, sou professor de eixo temático comunicação e informação desde 2009, ministrando cursos livres na área de Tecnologia da Informação, Estudo Licenciatura Artes Visuais e Especialização em Ciências Políticas, amante de todo tipo de artes, de mitologias e de terapias holísticas, praticante de Litoterapia, Astrologia, Radiestesia, Hermetismo, R+C...

Instagram: [furlan_o_dourado](https://www.instagram.com/furlan_o_dourado)
Facebook: Furlan Dourado
e-mail: furlandourado@live.com
twitter: [@furlan_dourado](https://twitter.com/furlan_dourado)

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL



A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany // LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> //(48) 99815-6284

JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI

MÍDIAS SOCIAIS E ILUSTRAÇÃO DA CONTRACAPA



Sócia da empresa Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento. Tem como lema a melhoria contínua em todo trabalho que participa, levando sua criatividade e inovação.

É paulista, formada em Gestão Ambiental, com ênfase em licenciamento ambiental e sensoriamento remoto. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Artes e Música contribui com a edição de artes das mídias sociais.

E-mail: jessica@alphacentauritecnologia.com.br

Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>

ÉRICA DIAS

TRADUTORA, REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS E ADMINISTRADORA DO CANAL DA REVISTA MITOLOGIA ABERTA NO YOUTUBE



Formada em Secretariado Executivo Bilíngue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa.

Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais.

E-mail: dias.ERICA14@gmail.com

AGRADECIMENTOS

Prezado Leitor Mitológico,

Começaremos os agradecimentos desse mês para todas as divindades que, por mais um ano, ajudaram a Nossa Revista a seguir a cada edição com mais e mais colaboradores fantásticos e apaixonados pela mitologia!

Nesta edição tive alegrias a cada momento: inúmeros parceiros, seres de luz, das antigas ou mais atuais edições chegavam e mostravam seu amor por esse projeto que nasceu de uma ideia louca, mas se firmou conforme o trabalho duro e as boas energias que de cada um, emanavam para as páginas da Mitologia Aberta.

Agradeço a Adriana que sempre nos traz a filosofia como uma irmã da mitologia; agradeço a Gabriela, que consegue sintetizar tantas diferentes divindades nos quatro elementos de forma mágica; agradeço a Fernanda, que presenteou-nos (a mim, particularmente), falando de Boudica, esse fantástico ser que transita entre o real e o mitológico; agradeço a Lizandra e seu amor verdadeiro pelas histórias e seu significado simbólico; e agradeço ao Allan, que sempre derrama seus conhecimentos nórdicos para todos nós!

Agradeço ao Luiz Júnior, por trazer sempre personagens maravilhosos da nossa cultura nacional para as Histórias da Vó Tiana. Agradeço ao Luis, da Hell Yeah, pela incrível parceria de sempre e desejamos muito sucesso para ele e para a produtora na nova fase próspera e repleta de novidades! Agradeço ao novo parceiro Fagner por acolher tão bem a ideia da revista e aceitar compartilhar seu conhecimento de animes e do mundo pop-mitológico! Agradeço ao Vitor por me surpreender e emocionar com sua linda resenha do meu livro para a nossa Biblioteca de Thoth!

Agradeço a linda Sereia Luthien, que já nos encanta com sua bela voz mas, que trouxe suas belíssimas palavras para que os leitores pudessem conhecer mais dessa banda incrível, a Mermages!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao querido Ronan, que de forma extremamente talentosa, competente e completamente especial, trouxe essa capa tão poderosa para que nossos olhares se encantassem com Thor, além de trazer sua bela história!

Agradeço ao querido Piero que trouxe sua Blavatsky e mais ainda, seu conhecimento de mitologia eslava para se combinar com o meu sobre as Russalkas, isso para que todos os leitores pudessem conhecer mais dessa mitologia encantadoramente misteriosa através de sua HQ fabulosa. Agradeço também ao queridíssimo Will, que nos presentou com as páginas de Demetrius Dante, para quem orgulhosamente tive a honra de fazer uma resenha.

Agradeço ao Furlan, por nos presentear com suas belas mandalas, profundamente simbólicas, para a contracapa da nossa revista, mostrando como os ciclos funcionam, neste um ano de Mitologia Aberta! Além disso, agradeço a maravilhosa Laina Joy, por ser sempre tão enérgicamente positiva quanto a contribuir com a nossa querida revista!

E claro, agradeço sempre à querida Fábia Lucas, nossa revisora presente e cuidadosa, e também à maravilhosa Érica Dias, pela revisão e tradução das comunicações das mídias sociais. Também agradeço à incrível Jéssica Dias, pelas nossas belas e criativas artes, que todos podem acompanhar durante o mês no Facebook e no Instagram.

Além disso, preciso fazer um agradecimento especial à Érica Dias e ao Ricardo Bajo, por fazerem parte da equipe que faz com que aconteçam as nossas lives! Muito obrigada!

Até a próxima, pessoal!
Equipe Mitologia Aberta.

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial

Larissa Dias

ISSN 2764-0299

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábila Lucas

Projeto Gráfico: Larissa Dias e Jéssica Dias

Ilustração da Capa: "Thor contra Jormungandr", Ronan Vieira

Ilustração da Contracapa: "Mandá-las", Furlan Dourado

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2022, Janeiro, World Wild Web

Periodicidade: Bimestral

Colaboram Nesta Edição:

Allan Marante, Adriana Gonçalves, Gabriela Sabina, Fernanda Nepomuceno Dias, Lizandra Silveira, Érica Dias, Vitor Filippo, Sereia Luthien (Camila Postal - Mermages), Piero Bagnariol, Will, Jéssica Dias, Ricardo Bajo e Érica Dias

Editora: Scientia Cultura, Educação e Pesquisa LTDA

Endereço: Rua Professor Campos d'Almeida, 52 - Jardim Rizzo - São Paulo - SP - CEP: 05587-010

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados a seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta

Série: Mandá-las – Furlan Dourado

Os Mandalas, em sânscrito, as palavras terminadas em "a" são masculinas, ficaram muito populares no mundo ocidental e vemos eles por todas as partes, especialmente para colorir e desestressar. A palavra mandala significa círculo em sânscrito e é considerada como um símbolo de cura e espiritualidade. As mandalas constituem um conjunto de figuras e formas e é uma representação geométrica da dinâmica relação entre o homem e o cosmo. Refere-se a uma figura geométrica em que o círculo está circunscrito em um quadro ou o quadrado em um círculo. Essa figura possui ainda subdivisões, mais ou menos regulares, dividida por quatro ou múltiplos de quatro. Para compreender, podemos classificar os Mandalas em três ramificações:

1. Mandalas Religiosos e Culturais:

(Budista, Hindu, Islâmico, Celta, Egípcio, etc);

2. Mandalas em base da Geometria da Natureza:

(Proporção Aurea, Número Phi, sequencia de Fibonacci etc);

3. Mandalas Intuitivos:

(desenhos livres criados dentro de um círculo de forma espontânea, podendo ser rico em símbolos ou em abstratos)

“Quando criamos uma mandala, geramos um símbolo pessoal que revela quem somos num dado momento.”(J.Kellog)

“As mandalas simbolizam um refúgio seguro da reconciliação interior e da totalidade”. (Jung, 1973; p.100).

Esta série faz parte do projeto acadêmico do Furlan Dourado no Ateliê de Artes Visuais da FAV – Faculdade de Artes Visuais da UFG – Universidade Federal de Goiás.

